ILUSTRAÇÃO

N.º 270 — 12.º ano

16-MARÇO-1937

PREÇO - 5 escudos

UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECÇÃO METÓDICA DE

7.113 RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sôbre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para tôda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida pratica, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade — Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica — Géneros alimentícios — Lavagens — Colas — Vernizes — Higiéne — Conservas — Animais domésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação — Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas e cimentos — Socorros de urgência — Lavores e passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Tecidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . **Esc. 30$00**

Pelo correio à cobrança, **Esc. 33$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 3o - Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Todas as creanças são felizes e saudaveis quando tomam a deliciosa

'OVOMALTINE'

diariamente

À venda em todas as Farmácias, Drogarias e Mercearias em 1/1, 1/2 e 1/4 de lata

DR. A. WANDER S. A. — BERNE

ÚNICOS CONCESSIONÁRIOS PARA PORTUGAL:

ALVES & C.ª (IRMÃOS) — RUA DOS CORREEIROS, 41-2.º — LISBOA

PRODUTOS

DE BELEZA

Mme CAMPOS

Os cuidados necessários para que a beleza se mantenha, são delicados e requerem uma escolha judiciosa de produtos, destinados a conservar a frescura e o encanto da juventude.

Os produtos de **M.me Campos, Rainha da Hungria, Yildizienne, Rosipôr, Oly, Rodal, Mystik,** etc., são excelentes preparados que conforme a natureza da epiderme, assim devem ser usados. Para cada caso especial da sua pele ou correcção de formas. Consulte-nos e peça catálogos.

ESTABELECIMENTO CIENTIFICO DE CULTURA ESTETICA

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

Av. da Liberdade, 35 LISBOA Telef. 21866

VIAGENS

Acaba de aparecer:

Categoria Literária das Cidades

POR LUIZ TEIXEIRA

A arqueologia e o pitoresco das cidades — Como viajam os franceses — Como viajam os americanos — Como viajam os portugueses — Paris — Londres — Atenas — Berlim — Hamburgo — St. Pauli — Hamburgo — Alemanha, país da cerveja — Gibraltar — Ilha de Malta — Nápoles — Veneza — A Sicília — Palermo — Redipuglia e Corfu — A Tripolitania — A África e a aventura — Regresso: Algarve em flor — Conselhos e confidências a quem parte: Viajar — A «toilette» — O amor — Itenerários no Adriatico

1 vol. de 242 págs., broch. . . . . **10$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Faça esta experiência extraordinária

"Tringue" O Seu Pó de Arroz

Milhões de mulheres ficam atónitas e pasmadas quando fazem esta experiência extraordinária... porque sabem que os pontos negros, poros dilatados e tôda a espécie de feias imperfeições da pele, são causadas, muitas vezes, por um pó de arroz granuloso. Muitos pós, finos ao tacto e de aparência aveludada, contêm, na realidade, partículas granulosas e duras. Escapam à vista de V. Ex.ª, mas poderá *senti-las debaixo dos dentes.* Pegue, simplesmente, num pouco do seu pó e esmague-o entre os incisivos. Se nele se encontrar o mais pequeno grânulo, senti-lo-á tão depressa como um grão de areia misturado na comida. Agora, faça esta experiência com o Pó Tokalon, o pó de arroz *aerificado.* E' preparado segundo um processo novo que o torna dez vezes mais fino e mais leve do que dantes. Só o pó mais leve que o ar é escolhido para êste uso. Tão deliciosamente fino e leve, êle *não pode* conter partículas granulosas, que obstruem e irritam os poros sensíveis da pele. Preserve-se contra os malefícios dum pó granuloso! Com o Pó Tokalon, o único pó aerificado, V. Ex.ª estará em segurança absoluta... e, porque contém a "mousse de crème", conserva-se na pele durante todo o dia. Acabou-se o nariz brilhante; já não há a necessidade de se empoar constantemente.

À venda em tôdas as perfumarias e boas casas da especialidade. Não encontrando escreva para o **Depósito Tokalon** — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende na volta do correio.

A PROSA ADMIRAVEL DUM GRANDE ESCRITOR

À venda a 3.ª edição de

NEVES DE ANTANHO

do CONDE DE SABUGOSA

Ignez Negra. — Amores do Senhor D. Jorge. — D. Brites de Lára. — Um romance na Côrte de D. João III. — Desculpa de uns amores. — A filha de D. Pedro Nunes. — Sóror Violante do Céo. — D. Francisco Manoel de Melo. — Antónia Rodrigues. — Amor aos livros. — Ramalho Ortigão. — Um beija-mão de Ano Bom no Paço da Ajuda.

1 volume de 318 págs., brochado . . . . . 12$50
Pelo correio à cobrança mais 2$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Á VENDA

a 3.ª edição, corrigida, de

O Romance de Amadis

reconstituido por **Afonso Lopes Vieira**

1 volume de 230 páginas, ilustrado, brochado..... 15$00
Pelo correio, à cobrança ..... 16$50

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda a 3.ª edição

BERNARDES

DA ANTOLOGIA PORTUGUESA

Organizada pelo Dr. **AGOSTINHO DE CAMPOS**

2 volumes de 274 págs. cada um, broc. Esc. 24$00
Pelo correio à cobrança, Esc. 27$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

Prémio Ricardo Malheiros

MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

TITÚLOS DOS CAPÍTULOS:
O capote do Snr. «Mariquinhas»—Apêgo à Dôr — Dr. Mendes «Gira» — Feira de Ano — Lúcia — Um sobretudo de respeito! — A paz do Lar — Uma espada... embainhada! — O Barboza de Sejins — O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 págs., broch. . . 12$00 enc. . . 17$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de ALEXANDRE HERCULANO

O Bôbo (Romance histórico). — 1 vol. com 345 páginas, brochado..... 10$00
Eurico, o presbítero, (Romance). — 388 páginas, brochado..... 10$00
O monge de Cister, (Romance). 2 vols. com 716 páginas, brochado 20$00
Lendas e Narrativas — 2 vols. com 667 páginas, brochado..... 20$00
História de Portugal (Nova edição ilustrada com numerosos documentos autênticos). — 8 vols., brochado..... 96$00
Estudos sôbre o casamento civil — 284 páginas, brochado 10$00
História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal — 3 vols., 1.139 páginas, brochado..... 30$00
Composições várias — 374 páginas, brochado..... 10$00
Poesias — 224 páginas, brochado..... 10$00
Cartas (Inéditas) — 2 vols. com 586 páginas, brochado..... 20$00
Opúsculos:
Vol. I *Questões públicas* — tomo I, 311 páginas
» II *Questões públicas* — tomo II, 341 páginas
» III *Controvérsias e estudos históricos* — tomo I, 339 páginas
» IV *Questões públicas* — tomo III, 300 páginas
» V *Controvérsias e estudos históricos* — tomo II, 323 páginas
» VI *Controvérsias e estudos históricos* — tomo III, 309 páginas
» VII *Questões públicas* — tomo IV, 294 páginas
» VIII *Questões públicas* — tomo V, 324 páginas
» IX *Literatura* — tomo I, 295 páginas
» X *Questões públicas* — tomo VI, 310 páginas
Cada volume, brochado..... 10$00
Scenas de um anno da minha vida e apontamentos de viagem, coordenação e prefácio de Vitorino Nemésio — 1 vol. de 324 páginas, brochado..... 12$00

Com encadernação em percalina, mais 5$00 por volume

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

Banhos de agua termal, Banhos de agua do mar quentes, BANHOS CARBO-GASOSOS, Duches, Irrigações, Pulverisações, etc.

FISIOTERAPIA, Luz, Calor, Electricidade médica, Raios Ultravioletas, DIATERMIA e Maçagens.

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

Consulta médica: 9 às 12
Telefone E 12

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

À VENDA A 7.ª EDIÇÃO

FÁTIMA

GRAÇAS * SEGREDOS * MISTÉRIOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

Um volume de 378 páginas, brochado, com capa a côres e oiro . . **12$00**
Pelo correio à cobrança . . . . . **13$50**

Pedidos aos editores: LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ACABA DE APARECER

Orações e Conferências

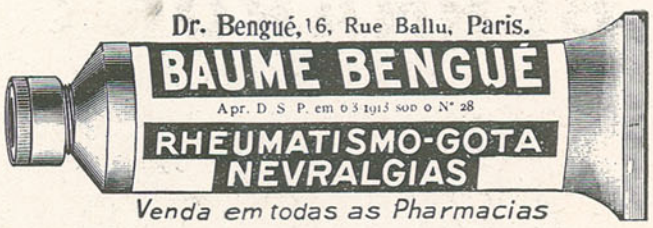
de CARLOS MALHEIRO DIAS

1 vol. de 176 págs., broch. . . . . 8$00
Pelo correio à cobrança . . . . . 9$00

À venda em tôdas as livrarias

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.



Venda em todas as Pharmacias

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR-DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de **Dr.ª Sára Benoliel** e **Dr. Edmundo Adler**, com um prefácio do **Dr. L. Castro Freire** e com a colaboração do **Dr. Heitor da Fonseca.**

Um formosíssimo volume ilustrado

6$00

Depositária:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Horas sem sofrer..
Horas felizes

Os filhos querem que a mãi esteja risonha e alegre. Por isso a mãi dedicada vive uma vida sem dôres criando assim satisfacção e alegria em inúmeras horas felizes no circulo dos que lhe são queridos.
As dôres de cabeça e de dentes e outros pequenos incómodos da vida quotidiana não conseguem perturbar a sua bôa disposição natural no que é ajudada pela

Cafiaspirina

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃIS

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado, encad., **17$00**; broc., **12$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Acaba de aparecer a 9.ª edição

D. PEDRO E D. INÊS

«O GRANDE DESVAYRO!»

Romance por ANTERO DE FIGUEIREDO

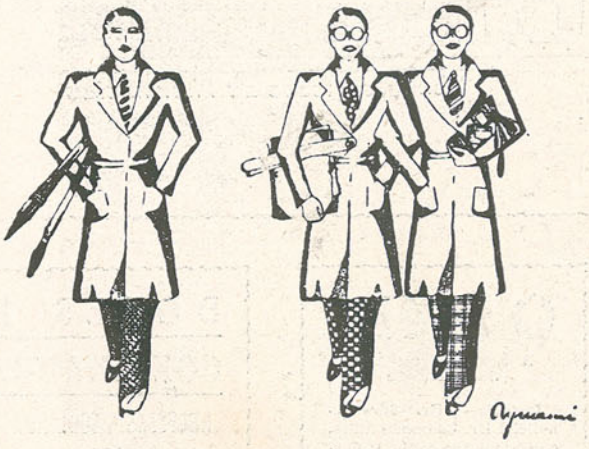
1 vol. de 324 páginas, brochado, com capa a côres e ouro, Esc. **12$00**; pelo correio à cobrança, Esc. **14$00**

À venda em tôdas as livrarias

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GRAVADORES
IMPRESSORES



TELEFONE 21308

BERTRAND IRMÃOS, L.DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

SENSACIONAIS REVELAÇÕES CIENTIFICAS RESULTANTES DE PROFUNDAS INVESTIGAÇÕES

Estudos sôbre Quirologia, Metoposcopia e Astrologia

Segundo os métodos modernos do Prof. FANNY LORAINE

Curiosas divulgações sôbre o Destino. A vida do homem está escrita nas linhas da mão, definida pelas rugas da testa e regulada pelas influências astrais

A quirologia é uma ciência, e como tôdas as ciências, está baseada em verdades positivas, filhas da experiência e que portanto, por serem demonstráveis, são indiscutíveis.

Conhecimento dos carácteres dos homens por meio dos vários sinais da testa. As sete linhas da fronte.
As raízes da Astrologia. A lua nos signos do zodiáco.

Nesta interessantíssima obra qualquer pessoa encontra nas suas páginas o passado, o presente e o futuro.

1 vol. broc. de 186 págs., com 8 gravuras em papel couché e 21 no texto, **Esc. 10$00**, pelo correio à cobrança, **Esc. 12$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73 — LISBOA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

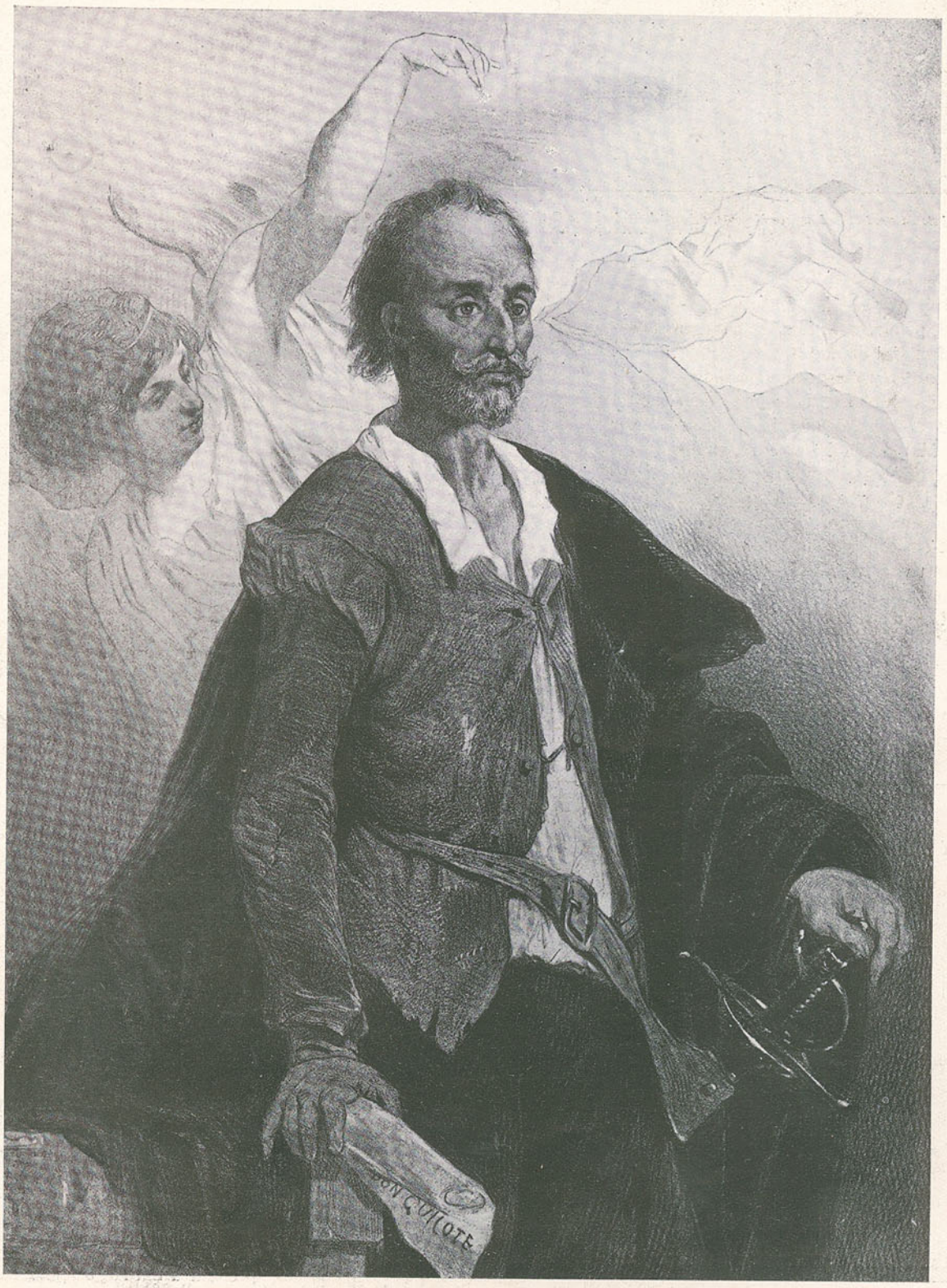
N.º 270 — 12.º ANO 16-MARÇO-1937

ILUSTRAÇÃO

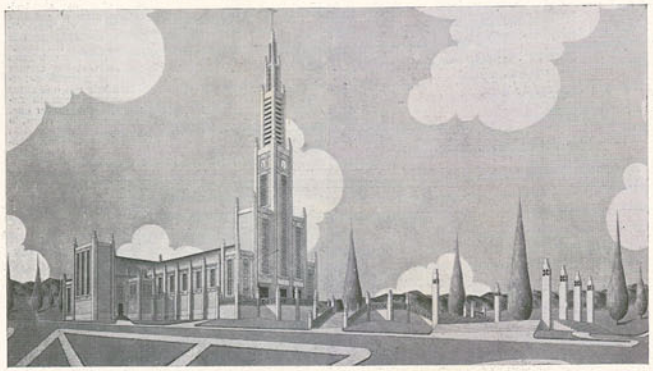
grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.



Cervantes — símbolo duma Espanha fidalga e gloriosa



Projecto da catedral de Lourenço Marques, do engenheiro Freitas e Costa (Perspectiva vista do centro da Praça Mousinho de Albuquerque

COLONIAS

As prosperidades de

da África aterradora e inóspita, desapiedada vitimadora da grande maioria dos que a procuram, lenda que infelizmente ainda hoje enturva tanto cérebro português, quando aliás, lá fóra, já tão bem se sabe medir o justo valor de tais preposições, e assim de Inglaterra, de França, da Alemanha, da Bélgica, não são nem menos andrajosos vádios nem levas de degredados que partem a povoar as regiões sul-africanas, mas sim para ali corajosamente se dirigem brilhantes turnos de homens cheios de vida, de inteligência e de saber.

"Êsses colonos de élite em breve praso se fazem acompanhar pelas suas famílias, e eis como ràpidamente se generalizam potentes e sàdios núcleos de próspera colonização.

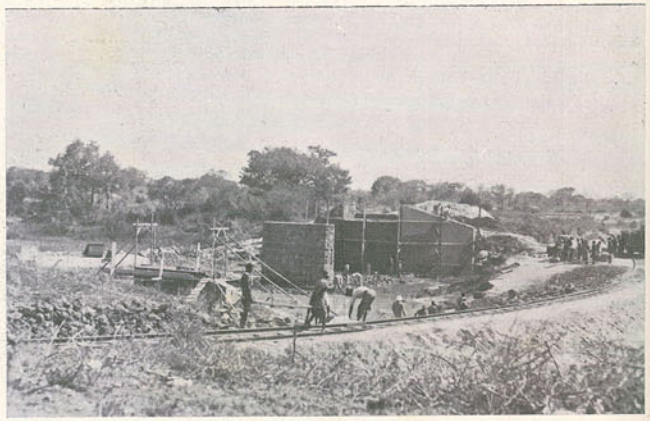
"Assim se fez Kimberley, assim se improvisou Johannesburgo; semelhante é a história das grandes cidades sul africanas que num dia se projectam, em meses se levantam, em poucos anos prosperam, distanciando-se logo do estado das nossas pobres possessões, aliás dotadas de condições naturais não inferiores para igualmente prosperarem e se engrandecerem.

"Os campos de Lourenço Marques devem ser rasgados à exploração agrícola. Há ali regiões que excelentemente se prestam a um largo aproveitamento cultural.

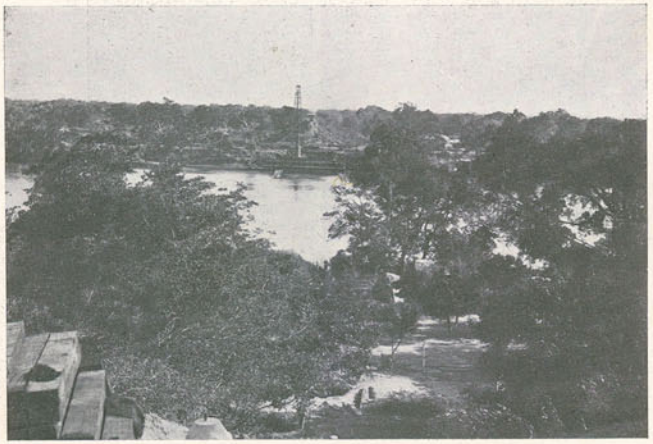
Está em construção o caminho de ferro de Magude às terras do Chai-Chai, pelo vale do Limpopo, o que equivale afirmar a obtenção dum grande e há muito tempo esperado melhoramento. Êste caminho de ferro, integrado na grande transversal que há-de ligar Lourenço Marques a Inhambane, destina-se a permitir a realização das grandes obras de irrigação que o Estado pretende levar a efeito na bacia do grande rio.

A ponte em construção sôbre o rio Incomati tem um comprimento de 248 metros, e é constituída por sete arcos de trinta metros de vão e um viaduto de acesso, na margem direita, com 22 metros de comprimento. Em 1896, Andrade Neves erguia assim o seu brado na Imprensa em prol das nossas terras africanas:

"Tempo é de se correr com as lendas



Construção de encontros e pilares do caminho de ferro Magude-Limpopo



Ponte do Incomati - Cravação de estacas do encontro da margem direita

PORTUGUESAS

Lourenço Marques

"As margens do Limpopo, as do Incomati, a vertente dos Libombos, estão neste caso. Já mostrámos como uma exploração inteligente transformou em pouco tempo um matagal espesso em um aberto campo de cultura, onde as hortaliças, as leguminosas, as gramíneas, as árvores frutíferas se desenvolvem e crescem, apresentando a quem visita a região o mesmo consolador espectáculo, a mesma animadora promessa de larguíssima compensação ao trabalho feito."

Escrevia-se isto há quarenta anos.

Estão satisfeitas as mais gratas aspirações dêsse ilustre defensor do nosso progresso colonial.

Segundo os técnicos, em vastos tratos as águas fluviais desaparecem por vários motivos e muito especialmente por uma rápida infiltração, que a natureza argilosa e arenosa dos terrenos vai facilitando. Noutros pontos essas águas reünem-se nas depressões naturais das grandes áreas, mas com tão pouca profundidade que, formando lagoas, estas secam nos meses de estiagem.

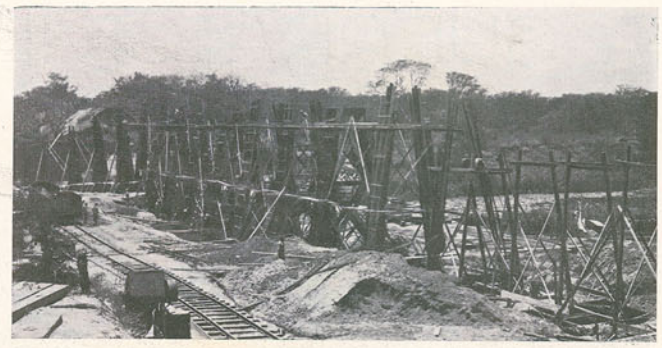
É a isso que se vai obstar com as grandes obras de irrigação e que tanto beneficiarão êsses terrenos fertilíssimos, onde tão bem se dão os cereais, o algodão, o tabaco, o café, a cana sacarina e tantos outros produtos agrícolas. Finalmente, a cidade de Lourenço Marques vai ter uma catedral portentosa que poderá ombrear com as das melhores capitais. O projecto que publicamos, graças a extrema gentileza da Sociedade de Geografia, é do engenheiro Freitas e Costa. Na planta apresentada, dá-nos a perspectiva vista do centro da Praça Mousinho de Albuquerque.

Em boa verdade, é magestosa!

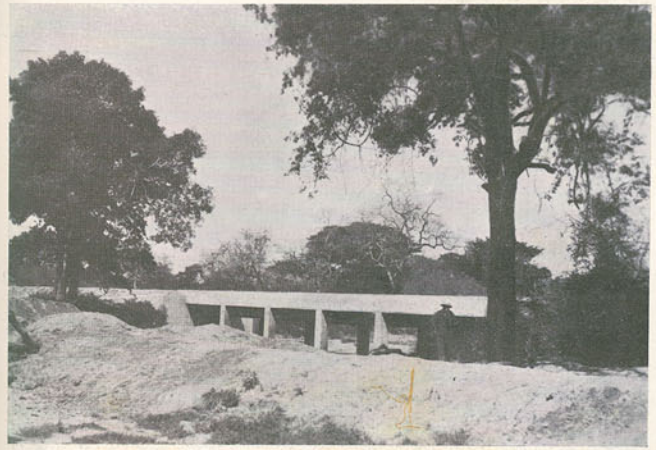
Ao erguer-se aquêle templo magnífico, as gerações futuras ficarão visionando na altura das tôrres a altivez duma raça que imortalizou na epopeia homérica dos Descobrimentos.

Cabe-nos essa honra, e, portanto, orgulhosamente a hasteamos como uma flâmula, como uma corôa de vitória.

E com que imensa satisfação contemplamos as prosperidades de Lourenço Marques terra encantadora de fertilidade.



A ponte de Satsimbe - Construção de pilares e encontros em cimento armado para a passagem do caminho de ferro



A ponte do Klm. 146.600 (vão de vinte e quatro metros)

A ponte de serviço sôbre o rio Incomati em tôda a sua beleza

A GUERRA CIVIL EM ESPANHA

Ante a ofensiva das tropas nacionalistas sôbre Madrid, os marxistas mantem-se com dificuldade nas suas posições. Apoiados pelos intensos bombardeamentos da artilharia e da aviação, pelo avanço dos «tanks» no sul e no oeste da capital, os nacionalistas vão conquistando terreno palmo a palmo. A ofensiva nacionalista avança implacàvelmente, certa da v:tória final

Observadores nacionalistas na frente de Madrid verificando os enormes estragos causados pelos bombardeamentos. Êsse quadro desolador encontra-se coberto não por densos crepes mas por um espesso lençol de neve. — A' direita, a multidão rodeando um operador cinematográfico que está preparando um filme em que serão mostrados os destroços causados pelos bombardeamentos em Malaga Vê-se a rua de Larios, que é a principal da cidade, reduzida a um montão de ruínas. Felizmente que não está longe o almejado dia da reconstrução

A' esquerda: um marxista conduzido ao cárcere por dois nacionalistas, após a tomada de Malaga. — A' direita: o regosijo dos prisioneiros nacionalistas libertados pela tomada de Malaga. A nossa gravura mostra um dêsses presos abraçando efusivamente a espôsa que não esperava voltar a vêr

RECORDAÇÕES E APONTAMENTOS

No ameno convívio de Guerra Junqueiro

O SACRIFÍCIO DA GALINHA DE MISS MARY

PUBLIQUEI, em 1903, um livrinho — *Fialho de Almeida* — de que ninguém já se lembrará, e que eu próprio não folheio há muitos anos. Se, de todo, me esquecesse de que o escrevi, e mo entregassem para que o julgasse, decerto seria o primeiro a admirar-me do que vou dizer...

Quando morreu Zola, tracei, sob a impressão da tragédia, algumas linhas sôbre o grande lutador, e enviei-as para Lisboa a um amigo, que as inseriu na *Crónica*, uma revistasinha dirigida por Luiz da Silva, que nunca conheci pessoalmente — não tardou que morresse — mas a cuja memória sou grato pela simpatia que, tão desinteressadamente, me votou. Luiz da Silva solicitou a minha colaboração permanente, e, assim, deu logar no seu quinzenário a um artigo sôbre Bernardino Machado e a um pequeno estudo sôbre Camilo, trabalhos que Gomes de Carvalho editou, sob a designação — *Intelectuais*.

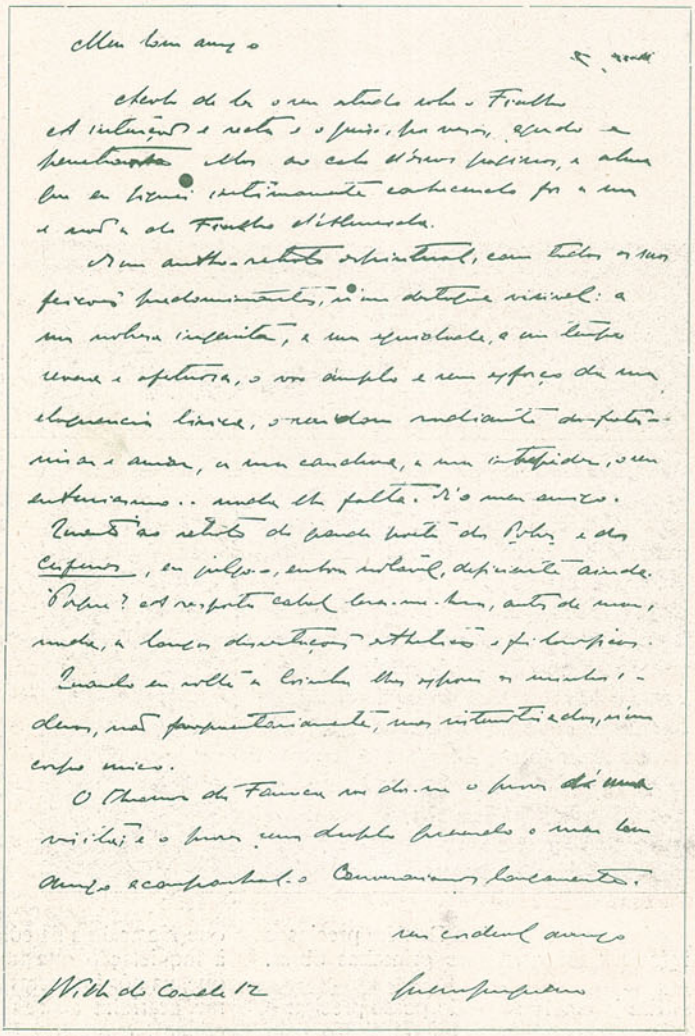
Fialho de Almeida é o 3.º folheto da série.

Eu não podia nem sequer ter sonhado o sucesso que teve essa obrasinha de algumas dezenas de páginas... João Chagas tratara, no *Primeiro de Janeiro*, dos folhetos sôbre Bernardino Machado e Camilo, e fazendo-o, como o fez, espontaneamente, eu julgara ter atingido a meta da consagração a que podia aspirar.

Mas, à aparição de *Fialho de Almeida*, surgiu, à minha volta, uma verdadeira ovação.

Luiz de Magalhães foi o primeiro a chamar: — "Até que enfim, temos um crítico! Depois de Moniz Barreto, não sei quem tão auspiciosamente tentasse o ensaio crítico...". Gomes Leal, ainda então na arena dos combates, secundava-o, invocando também o autor do *Oliveira Martins*, de quem fôra tão amigo. Trindade Coelho fez elogios ditirâmbicos...

Dos velhos, entre outros, acudiram Ramalho Ortigão, Bulhão Pato, Teixeira de Queiroz, Silva Pinto, José Caldas, João Penha; entre os de meia idade, Sampaio Bruno, Basílio Teles, João Chagas, Abel Botelho, Teixeira Gomes, Marcelino de Mesquita, os condes de Arnoso, de Monsaraz e de Sabugosa, Jaime de Magalhães Lima, Teixeira de Carvalho, Manuel da Silva Gaio; e entre os novos, de várias camadas, Júlio Dantas, Malheiro Dias, Augusto de Castro, Amadeu Cunha, Augusto Gil, Carlos de Lemos, António Correia de Oliveira, Teixeira de Pascoais, Júlio Brandão, Carlos de Mesquita, Cândido Guerreiro, António Granjo, Manuel Ribeiro, Sousa Pinto, João de Barros, Sousa Costa, Câmara Reis, Campos Lima, Joaquim Gomes, Tomás da Fonseca, João Lúcio — e outros tantos, tão generosos todos!



Carta de Guerra Junqueiro a Lopes d'Oliveira, em 12-11-903, a propósito do seu estudo Fialho de Almeida

Guerra Junqueiro escreveu-me uma das suas belas cartas. Mas foi, sobretudo, Teófilo quem se mostrou mais confiante, entusiasta. Não cessou de bradar-me: — Avante! Para diante é que é o caminho!

E não foi um simples sucesso de estima: a edição, de mil e quinhentos exemplares, esgotou-se em poucas semanas.

A casa editora dos Lelos abriu-me as suas portas: encomendou-me um livro sôbre Eça de Queiroz.

E, então, deu-se um caso não menos estranho que o sucesso da minha obrasinha — sucesso que, quero repetir, visto pelo autor, a tal distância, lhe aparece hoje como uma coisa alheia, que se passou com um estudante de Coimbra que tinha vinte anos, e há trinta e quatro, uma eternidade...

Envergonhei-me dum êxito que não merecia; puz-me a empreender naquilo... Não tive ânimo de prosseguir: desisti, verguei ao pêso das responsabilidades, que me impunham tantas esperanças na minha carreira de crítico. Esperanças que eu — digo-o agora, sem vergonha nenhuma — tomava inteiramente a sério, assustado!

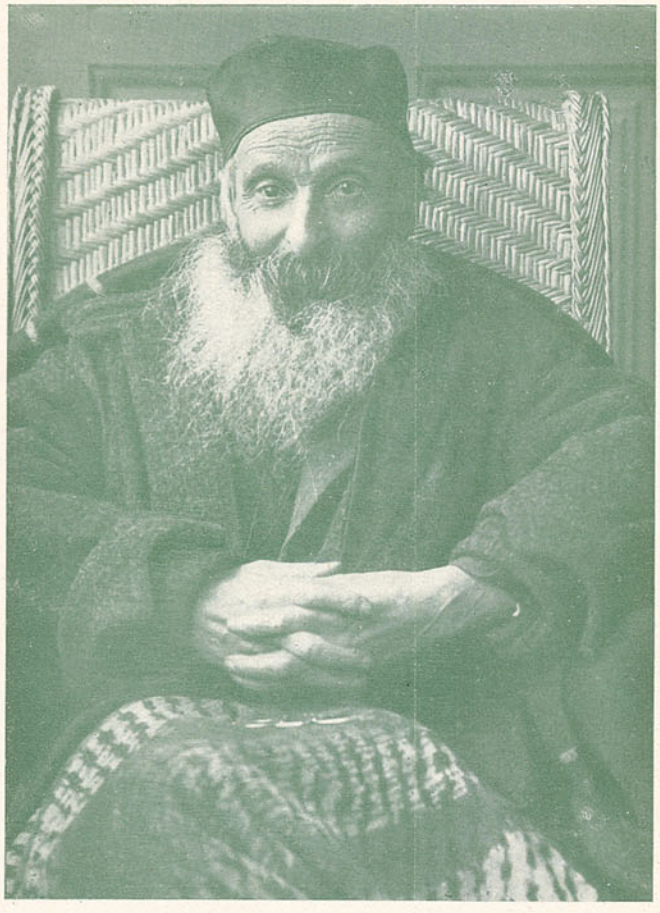
Fiz concurso para professor dos Liceus em 1904, e terminei o curso de Direito em 1905. Fui para Vizeu. Depois, a ditadura de João Franco feriu a minha dignidade de cidadão: como arrastado por um ciclone, entrei na política activa. Combati com todo o ardor do meu temperamento, quer na imprensa, quer nos comícios. Conspirei mesmo — que é uma coisa bem fora do meu feitio; e, se o refiro, é para acentuar que a minha indignação cívica chegara ao paroxismo. Sentia uma mórbida ânsia de martírio pela Liberdade; essa ânsia mística era sinceríssima em muitos republicanos.

Mas eis que a tragédia do Terreiro do Paço sulca de raios as nuvens densas, o céu caliginoso! A tremenda descarga eléctrica lança-me numa crise moral angustiosa: aquele sangue vertido confundia-se, era, para mim, como de irmãos; e torturava-me a visão daqueles mortos, como se fôssem vítimas da minha propaganda revolucionária!

Mas o meu caracter não me consentia abandonar as fileiras em que, voluntariamente, sentara praça, enquanto durasse a luta.

Estive gravemente enfermo. Os clericais da terra espalharam que eu enlouquecera. Que Deus lhes perdôi, que eu já lhes perdoei há muito...

Na convalescença, os trabalhos literários de novo me atrairam. Fui ao Porto, colher elementos para o livro de Eça de Queiroz. António Lelo puzera à minha disposição a correspondência do grande



Guerra Junqueiro

escritor com Chardron. Contém preciosos informes sôbre as suas primeiras obras.

Era já em 1909 — não posso precisar o mês. Eu combinara um encontro com Guerra Junqueiro...

Apenas me avistou, logo me falou do Buçaco: nada esquecera.

E, como eu não quereria voltar à questão religiosa, fiz encaminhar a conversa para as coisas literárias.

Falámos de Eça... Em vão me encorajou para que escrevesse o meu livro; daí a pouco tempo desabariam sôbre mim sete processos de imprensa, que me trouxeram graves riscos: só em dinheiro, me levaram mais de cem contos de hoje. Tinha eu lá tempo para escrever livros, e socêgo bastante para me encher de orgulho de crítico! Notarei que, de tôdas as artes, a de crítico é a que pede mais orgulho, e que, em letras, nunca pude passar da vaidade. Esta sim, e chega para escrever tais linhas, como as que estou escrevendo...

Junqueiro morava então no Pôrto.

Viera, na vespera, de Barca de Alva, onde fazia largas temporadas, tratando da sua quinta da Batoca, uma grande herdade, que formou sôbre estéreis descampados, assentando casa no primeiro oiteiro arroteado.

— Venho da minha faina monstruosa: rezo a *Oração ao Pão*, mas não semeio trigo — planto vinhas. E da uva de rubí e de oiro, que cristalisa sol, o que faço? Transformo-a em vinho: — eis Junqueiro, o apóstolo, que vende venênos! E àqueles que cavam, que amanham, êsses bons trabalhadores, que ali vivem nos seus míseros casebres, que na lida inclemente passam todos os seus dias, regando a terra do seu suor e do seu sangue, conto os vintens que lhes dou... A pobre gente!

Era um éco do libelo que erguera, contra si próprio, em Vila do Conde...

— Mas êste ano plantei mais mil oliveiras, para remir os meus pecados... uma pequena parte dos meus pecados.

E, como lhe lembrara o azeite votivo dos lampadários litúrgicos:

— Os sete pecados mortais assediam o coração do homem: sou um grande pecador. Mas encontrei um amparo que me alenta e me guia — a minha santa Mulher. É ela que vela pela minha alma, que me acalma na cólera, que me arranca à inquietação que turba o meu espírito, que, na dôr inenarravel que me aprisiona, me acarinha ao seu peito como a uma criança, e me traz paz, consolação. É a candeia sempre acêsa, a luz do meu lar; é a trave da minha casa, a vida da minha vida, a purificadora, a resgatadora — a minha Nossa Senhora...

Falava com verdadeira unção. E por natural oposição de atitudes, recordei-me desta anecdota de Bernardino Machado:

— Junqueiro casára há pouco, e era muito amigo da mulher; eu era ainda solteiro. Um dia disse-me: — Bernardino, tu deves casar com minha cunhada, que é uma joia. Repara que minha sogra não pode ser melhor, e... nosso sôgro, êsse, é tão bom, tão bom, Bernardino, que até já morreu!

Nem àqueles que mais queria, poupava os seus sarcasmos o moço Junqueiro...

De repente, perguntou:

— Que livro traz aí?

— *L'Oiseau*, de Michelet.

— Ah, ter Michelet na nossa estante, é como ter sol no mais nevoento, no mais gélido inverno!

Mostrei-lhe a assinatura de Gonçalves Crespo, na portada.

— É singular, observou. Este livro ofereci-o eu ao Crespo; fui eu que lhe ensinei Michelet...

— Quere ficar com êle, como lembrança?

— Não, não; guarde-o; o Crespo, trago-o sempre no coração. Não imagina como era inteligente e bom. Era o melhor de nós todos...

Estávamos ao fundo da rua dos Clérigos. Passou um nosso conhecido. Junqueiro notou-o:

— É um José do Telhado!

E, guardado meio minuto de silêncio:

— Também, como o não há de ser? Coitado! Suponha que usou vinte anos barba rapada; depois quis ter um bigode... E nasceram-lhe sovelas!

Discuti com êle, ùltimamente, a questão do Douro... É um imbecil!

E explanou:

— A região do Douro é única no mundo. Pode ser a mais rica ou a mais miserável. E não é um privilégio que se pede para ela; é o reconhecimento de condições, sem as quais não viverá. Essencial cercá-la de garantias do exclusivo, fabrico, venda e exportação. No país não há outros vinhos que mereçam, internacionalmente, o nome de licorosos. E, se não cultivar a vinha, que há de cultivar o Douro?

A sua leiva levanta-se a pêso de oiro. A sua terra de amanhadio é levedada com vidas humanas; são penedias estaladas a tiro, trituradas à alavanca, moidas a picarêta: não é necessário só dar-lhe braços; dão-se-lhe almas. O homem tem de ligar-se ao solo num bloco de amor, para produzir vida. Onde se viu tamanho esfôrço? A tragédia titânica!

Morta a vinha, a terra está morta. O sol calcinante, dos rochedos nús fará Calvários, desertos.

O que está em causa não é o Douro, é Portugal; não é uma questão de província, é uma questão nacional.

Não compreendem isto, os imbecis! Mas não será só desproteger, será — assassinar!

E, como se o quadro da assolação estivesse já sob os seus olhos:

— Nenhum ente aqui vive! Nem homens, nem animais, nem plantas... Até as feras fogem, tranzidas. E as aves passam de largo, voando aflitas...

Depois mudando de rumo:

— É certo que vendo vinho, mas não o bebo...

Sabe que, sofro muito do estômago? Mas espero curar-me, em breve.

Beldemónio conta que indo ao Porto em 1885, Junqueiro lhe recitara *A Velhice do Padre Eterno*, que entrava no prelo, e lhe recomendara, para as suas afecções de estômago, água de Bravãis, infalível. Com ela se curara, radicalmente... Água de Bravãis, verdadeiramente milagrosa, como a de Lourdes, que metia a ridículo nos seus versos!

Fôra depois duma das crises mais crueis das suas vísceras, que êle noticiára, de Angra, em carta a Bernardino Machado:

— "A que estou reduzido! Osso e alma..."

E inquiri, agora:

— Como se curará?

— Mas pela opoterápia!

— Em que consiste?

— E' simples. Por exemplo: sofre do fígado? pois coma fígado!

Não ficou por aqui; e desenvolveu a teoria largamente, comentando-a, esclarecendo-a, criticando-a, e inovando, sem dúvida, porque nunca tocava qualquer

assunto, sem lhe descobrir aspectos novos: iluminava tudo o seu grande espírito!

Fomos almoçar ao Hotel Aliança.

De facto, Junqueiro comia bem.

Comeu de tudo que veiu à mesa, e via-se que com apetite, com prazer. Quando acabámos, êle reclamou ainda o *seu bife:* era um bife grelhado — tenro, espêsso, sangrento.

Na boca do Junqueiro aquela carne atulhava: e engulia sem mastigar. E êle que, durante o jantar, não deixara de falar sempre mais ou menos, agora não falava; não podia...

Não tive mão em mim que não observasse, em ar de gracejo:

— Quantos pacíficos bois nós abatemos por dia, para os devorar!

Junqueiro mastigou, pela primeira vez; e não tardou a replicar, muito sério, com um pedaço de carne, espetado no garfo:

— Mas não foi por minha causa que se matou o boi! Não; por minha causa não se mataria nenhum animal, creia.

Confesso que me custou conter uma gargalhada, por me lembrar de Tolstoi... E, enquanto êle concluia a ingestão — aquela cruenta batalha! — avivou-se-me a memória.

Contou-me Bernardino Machado que, certo ano, em Coimbra, sendo Junqueiro seu hospede, tinham por cosinheiro um rapazinho preto. Era pelo Carnaval, e o pretinho fez tais extravagâncias, atirando laranjinhas ás meninas da Alta, que caiu de cama, e tiveram de aproveitar os bons serviços da senhora Maria, que, na sua hospedaria da rua do Borralho, já recebera por mais vezes o lente como comensal. A especialidade da senhora Maria era o *roast-beef:* Junqueiro chamou a si a travessa, e levou-a tôda! Havia á meza mais seis pessôas... No dia seguinte vieram duas travessas; mas, ao terceiro dia, a dona da casa chamou o senhor Doutor Bernardino Machado, e comunicou: — Sabe que estou sempre aqui ás suas ordens, e tenho muito prazer em que V. Ex.ª venha sempre cá jantar. Mas com aquele seu hospede, não!

Foi necessário procurar vida por outra banda, que aquela porta fechou-se...

E Junqueiro sofria, então já, muito do estomago e intestinos. Mas não podia vencer a gula.

O Dr. Lourenço de Azevedo, que era, nesse tempo, o mais célebre médico de Coimbra, dizia ao seu companheiro dilecto: — "Veja se exerce sôbre êle a sua influência; se não, qualquer dia, morre-lhe...

Anos depois, estando Bernardino Machado na Foz, no Hotel de Miss Mary Castro, Guerra Junqueiro, que estava em Viana, enviou-lhe o seguinte telegrama: — "Diz se posso ter aí ao jantar galinha gorda, morta de véspera, metida em cinzas com penas vinte quatro horas. Se puder ser, diz, e irei visitar-te".

Perguntada, a Miss acedeu — completando a receita culinária, já sua conhecida, e que apenas vinha enunciada nas suas grandes linhas.

Chegou Junqueiro, e foram os dois jantar, *en tête-à-tête.*

Junqueiro puxou para si a galinha; devorou-a toda. E tão rápido, que ainda o seu parceiro ia no princípio da refeição...

Estátua de Nun'Alvares pertencente a Guerra Junqueiro

Mas o Poeta, esburgando, chupando os ossos, bem se via que não estava satisfeito:

— Que tal está isso, Bernardino?

— Não está mau.

E como não estava mau, atirou-se; comeu de todos os pratos, sem dispensar a sôpa — e muito bem.

E sofria do estomago e dos intestinos!

Depois, gemia, rebolava-se com dôres, desesperava, parecia-lhe que ia morrer...

E recomeçava sempre: não podia reprimir-se, vencer a tentação.

E eu reflectia: — Não; ao menos essa galinha de Miss Mary foi morta por causa de Guerra Junqueiro!

* * *

Depois do almoço, fomos passear para a Praça de D. Pedro.

Então falou-se de política...

Junqueiro fôra também arrastado na torrente que contra o franquismo se estabelecera: batalhara, fôra julgado e condenado.

Disse:

— A minha absolvição pelo Tribunal equivaleria á proclamação da República pelo Poder Judicial...

A Monarquia teria caído, salvando o Rei a vida? A minha condenação quási coincidiu com a declaração oficial da Ditadura, que atirou os partidos monarquicos para a oposição infrene; á volta de D. Carlos só ficaram janizaros: os seus velhos cumplices abandonaram-no.

— Todavia, contrariei, é já hoje manifesto que o mal não vinha do Rei, ou, pelo menos, não vinha só do Rei. D. Carlos foi morto, e aí está no trono seu filho, que seria injustiça acusar de crimes: está, porventura, o pais salvo?

— Não; só a República o pode salvar. Mas toda a possibilidade de ofensiva reacionaria da Monarquia acabou, e nada impedirá, agora, a Nação de encontrar a solução política indispensável á sua redempção. O reinado de D. Manuel será breve, brevíssimo: o mal existe, mas perdeu tôda a força; quási inerme, o monstro está á mercê da primeira espada que se erga, para decepar-lhe a cabeça...

— No meu espírito, salientou, não atravessa uma dúvida: a proclamação da República é a libertação, e essa libertação é o prefácio duma nova História de Portugal, dum novo ciclo de grandeza, e senão de grandeza material — á qual podem dar logar as nossas vastas colónias — de sublime grandeza moral. Esse Portugal Novo terá uma missão no Mundo.

Também eu cria, como o Poeta, nos gloriosos destinos da Pátria, e sentia que tantos milhares de portugueses, que estavam nas nossas fileiras, prontos a morrer pela República, criam e sentiam como nós. Mas a luta civil não abalaria os próprios fundamentos da Grei, e, ainda que vitorioso, instantaneamente, como em 1820,

o movimento revolucionário — não entrariamos num período de convulsões políticas, como com a monarquia liberal?

* * *

— E, se proclamada a República, sobrevier a desilusão? Se se frustrar, em plano, a grande empresa do nosso ressurgimento?

Junqueiro ficou-se, meditativo... Emfim, explicou:

— Parece-me impossível. Mas olhe: eu procuraria salvar a minha Pátria; se não pudesse salvar a minha Pátria, procuraria salvar a minha Província; se não pudesse salvar a minha Província, procuraria salvar o meu Concelho, a minha Freguesia. Por derradeiro, se nem mesmo pudesse salvar a minha própria Família, salvaria a minha alma!

Como? Mas lutando sempre, e até à minha última hora, para salvar a minha Família, a minha Freguesia, o meu Concelho, a minha Província, a minha Pátria... Amar os nossos semelhantes, os nossos pais, os nossos irmãos, os nossos filhos, é amar a Deus. Só Deus pode realizar o Bem absoluto; mas o homem, realizando o mínimo acto meritório, desde que empregue o maior esfôrço, votando-se ao máximo do sacrifício, terá comunhão no Bem absoluto — comungará em Deus!

Interroguei mais, uma vez:

— E não atravessará todo o mundo uma crise, que só pode ter uma solução total? Valerá a pena levar a cabo soluções parciais, inúteis afinal, ou talvez mesmo perturbadoras, retardadoras do *élan* geral? E não competirá aos grandes Estados a iniciativa?

Pronunciou-se imediatamente:

— Pelo contrário: cada Nação tem sua missão própria, um papel particular, com que entrará no concêrto geral do Mundo. E nem a República em Portugal será um movimento isolado; só circunstâncias especiais o desencadeiam aqui, antes de Espanha.

Lopes d'Oliveira.

Strauss

Os 70 anos do "Danúbio Azul"

HONRAS SEM PROVEITO...

VIENA acaba de festejar o 70.º aniversário da célebre valsa *Belo Danúbio Azul* que tem hoje — não era já sem tempo! — a categoria duma sinfonia patriótica.

Quando em 1866, Johann Strauss, após uma enfermidade que o mergulhara, numa grande depressão nervosa, compôs o *Belo Danúbio Azul*, fê-lo executar pela sua orquestra habitual, num dos maiores salões de concerto de Viena. Aguardava um êxito, e o público mostrou-se reservado, quási glacial.

No ano seguinte, em pleno Carnaval, a Associação dos Cantores Vienenses solicitou de Strauss a permissão de fazer ouvir novamente a sua valsa.

Ao contrário do que sucedera mezes antes, o êxito foi retumbante, embora sem quaisquer compensações monetárias. E, no entanto o pobre Strauss ganhava a sua vida regendo uma orquestra!

Sendo inaugurada em Paris a Exposição de 1867, o maestro foi convidado pelo conde de Osmond a abrilhantar o grandioso certame.

Foi nesta altura que a princesa Paulina de Metternich, na sua qualidade de esposa do embaixador da Austria junto da côrte Napoleão III, quis que às suas faustosas recepções não faltasse tudo o que de bom, artístico e genial ia aparecendo no Mundo. E, assim, aproveitando o ensejo de se encontrar em Paris o inspirado compositor, dirigiu-lhe um honroso convite no sentido de ser executada nos seus salões a famosa valsa que tão entusiásticos aplausos merecera na sua pátria.

Além disso, a nobre dama tinha o máximo empenho em que o maestro Strauss desse um concerto no seu palácio antes de ser ouvido na côrte imperial.

Não se faz rogar o maestro que afagara a doce ilusão de um belo lucro aureolado de merecidos triunfos. Pelo visto, a orgulhsoa princesa não foi pródiga em emolumentos, tudo levando a crer que a paga não foi além da ceia, aliás bem servida.

O que é certo é que, nessa noite, a fina flor da aristocracia parisiense volteou, dolentemente, sob a regência de Strauss, nessa harmonia suave e deliciosa que tanto fazia suspirar as nossas avós.

E que ovações! Strauss poderia considerar-se em plena apoteose...

As suas valsas corriam mundo no seu volteio melancólico, e, a breve trecho, conquistavam os mais fervorosos devotos. Seguiam-se umas às outras como as pérolas dum colar que se desatasse: a *Vida de Artista* em que havia gemidos pungentes com breves sorrisos de esperança; *Sangue vienense*, em que, por entre a dolência musical, se vislumbrava o arranco patriótico; *Beijo*, em que as almas se elevavam em êxtase ao país misterioso da Ventura; *Mil e Uma Noites*, em que cada valsista se julgaria um califa tendo bem perto do coração a bem falante Sherazad; a *Bela Itália* cheia de harmonia, suavidade e pureza.

E quantas mais, quantas mais!

Mas a que mais se celebrizou foi a que o maestro intitulou de *Belo Danúbio Azul*.

Esqueceu bem depressa a fama das suas operetas *Carnaval em Roma*, *Simplicius*, *A Deusa Razão*, *Cagliostro*, *O lenço da rainha*, e tantas outras, mas a valsa *Belo Danúbio Azul* há de lembrar sempre.

As multidões têm destas preferências...

— Mas *Dauúbio Azul* porquê? — preguntaram, um dia, a Strauss — se o Danúbio nunca foi azul nem mesmo nos dias primaveris?

— Chamei-lhe *Danúbio Azul* — respondeu o maestro — porque me soou bem o título. Se lhe tivesse chamado *Danúbio amarelo ou pardo* ninguem lhe ligaria importância. Estou até convencido de que o grande êxito desta valsa é devido ao título feliz que lhe escolhi.

O grande compositor deprimia-se sem razão, porque a sua valsa é linda, mesmo muito linda.

Dissémos que, apesar dos triunfos que o *Danúbio Azul* conquistou, Strauss não alcançou grandes vantagens materiais.

Para se avaliar de toda esta miséria, basta dizer que um editor comprou a obra com todos os seus direitos de autor presentes e futuros pela bagatela de 185 florins!

Strauss veio a falecer em Viena em 1899 com a bonita idade de setenta e quatro anos. Hoje, naquela modesta casa dos subúrbios de Viena, onde o maestro compôs o *Danúbio Azul*, foi colocada uma lápida modestíssima.

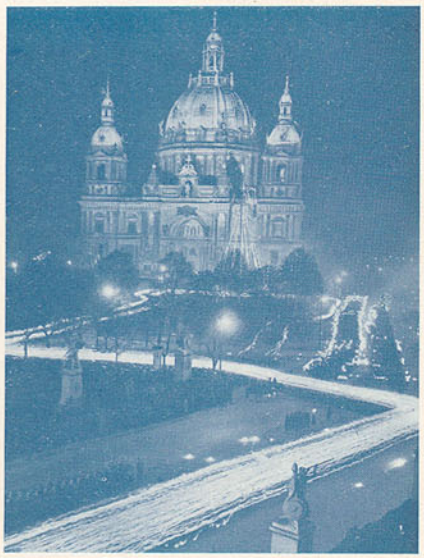
Triste compensação foi essa, mas enfim sempre foi alguma coisa. A nosso ver, por muito pouco que o Município de Viena tivesse gasto com essa pedra gravada em vistosos caracteres, sempre dispendeu mais que os 185 miseráveis florins que pagaram os direitos do *Danúbio Azul*. A desgraça perseguiu sempre o pobre Strauss, e a tal ponto que nem mesmo sôbre a côr escolhida para a sua valsa famosa lhe foi dado pôr o metal precioso.

Oiro sôbre azul!...

VISTAS DE ALEM-FRONTEIRAS

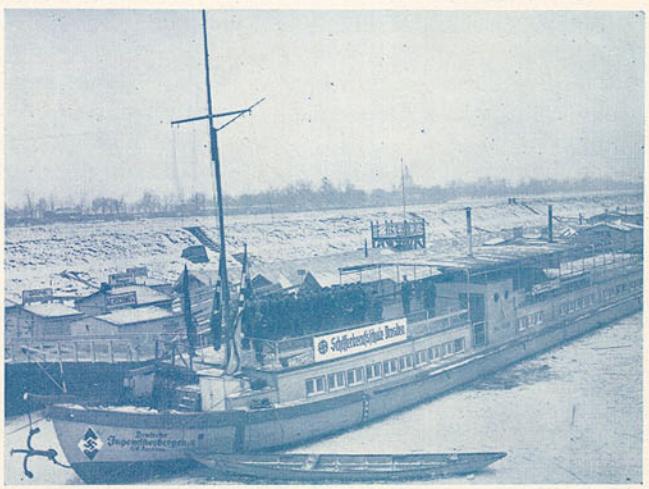
O capitão brasileiro Auino que, durante uma festa desportiva no Rio de Janeiro, tentou o «rècord» de duração de vôo sem motor num aparelho construido pelo aviador alemão Wolfgang Hirth. O avião manteve-se no ar durante 3 horas e 20 minutos.

DOUTOR ISAC HERZOG, novo Arabi-Mor da Palestina, Terra de Israel, bue, anteriormente, ocupava o lugar de Arabi-Mór da Irlanda. Herzog é um professor notável, um escritor ilustre e um dos mais sábios comentadores do *Talmud*. A nova Palestina, lar nacional dos judeus é hoje uma grata aspiração transformada em realidade. Justiça feita, por fim, ao povo eleito do Senhor.

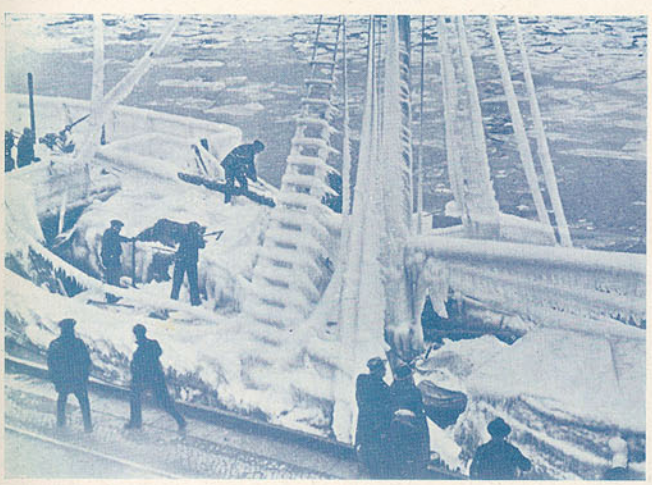


FESTEJANDO o advento de Hitler, a Alemanha envergará as mais belas galas. Eis a fachada da catedral de Berlim, nas festas de 1936, vendo-se o desfile dos archotes a caminho de Lustgarten, que êste ano se repete com a mesma solenidade.

O famoso pugilista Max Schmeling que, em companhia do seu «manager» Max Machon, embarcou para a América a fim de cumprir os seus contratos. O brioso «boxeur» vai confiado na sua boa estrêla, e, por muitos e bem puxados socos que apanhe, sempre há de trazer a compensação de muitos milhares de dólares belos, sonantes e tilintantes. Pelo menos, é o que se depreende da boa disposição que se lhe traduz no rosto.



EM Dresde, na Saxónia, foi inaugurada uma escola flutuante para marítimos e que é frequentada por todos os grumetes ocupados no serviço de navegação do Elba. Patrões, marinheiros e funcionários da administração ensinam aos rapazes todos os ramos essenciais da navegação. A nossa gravura apresenta os alunos alinhados na ponte, ao raiar da alva, para içar os pavilhões, segundo a velha praxe.



O frio na Alemanha tem sido tão rigoroso que a nossa gravura dá uma ideia do que ali se sofreria. No entanto, o espectáculo é lindo

Os desportos de inverno em Altenberg (Erzgebirge) têm tido êste ano, como se vê, uma extraordinária animação.

LA GUARDIA

O IRREQUIETO

Fiorello La Guardia, governador de Nova York

A atitude do governador de Nova-York, atacando a política de Hitler na Alemanha, em termos desabridos, causou a maior estranheza em todo o Mundo.

Dando largas aos seus vôos oratórios, Fiorello La Guardia teve, entre outras, a seguinte frase:

"Na Exposição Universal de Nova-York, em 1939, deveria haver uma "Câmara de Terror", onde eu aconselharia que se expuzesse a efígie dêsse fanático de camisa castanha que ameaça actualmente a paz da Europa e do resto do Mundo".

Berlim protestou energicamente, chegando a Imprensa a empregar termos ásperos contra o orador norte-americano e o seu auditório.

O "Deustsche Allgemeine Zeitung" declarou: "Se La Guardia tem a desfaçatez de insultar o chefe de um povo de 60 milhões de habitantes é preciso esbofeteá-lo moralmente, visto que não é possível fazê-lo materialmente. Estas injúrias ineptas contra um chefe de Estado estrangeiro não devem ser admitidas em silêncio em Washington, onde, segundo contamos, se adotarão medidas convenientes".

Por sua vez, o embaixador da Alemanha, em cumprimento de instruções recebidas de Berlim, protestou junto do Departamento de Estado contra o discurso do impulsivo governador de Nova York.

La Guardia, ao ser informado do protesto alemão, limitou-se a remoquear:

"Eles têm absoluta razão. Deveriam protestar porque não conheço nenhum artista que seja capaz de desenhar, pintar ou esculpir seja o que fôr que possa figurar qualquer dos vultos do govêrno nazi e o próprio Hitler, tal como é".

A atitude dêste alto magistrado norte-americano assombrou o Mundo, não só pela violência e pela altura do alvo escolhido, mas por não ser costume um ilustre cidadão da livre América saír da sua tradicional prudência, e dar largas a arrebatamentos que só se justificariam num meridional.

Repare-se, no entanto, que o sr. Fiorello La Guardia é filho de emigrantes italianos, tendo nascido em Nova-York em 1882. Sendo norte-americano pelo berço, nem por isso consegue refrear os ímpetos do seu sangue italiano, e, portanto irrequieto.

Desde verdes anos que seguira seu pai, um considerado regente de orquestra, através dos diferentes Estados da América do Norte.

Amando a música, como a sua origem faziar crêr, nem por isso deixava de acalentar aspirações políticas. Aos vinte anos de idade, conseguiu ser nomeado para o serviço consular de Bucareste, e depois para Trieste.

Começaria assim o seu tirocinio,

Voltando aos Estados Unidos em 1910, foi nomeado intérprete para a emigração, e lançou-se na política activa.

Tal foi o afinco, que, sete anos decorridos, conseguia ser eleito membro do Congresso.

Valendo-se das suas excepcionais qualidades de orador brilhante e incisivo, grangeava, a breve trecho, grande popularidade junto dos operários e dos pequenos comerciantes de Nova York.

Após a derrota de 1932 que o partido democrata lhe infligiu, La Guardia não esmoreceu. Apoiado pelos republicanos conservadores, apesar da sua fama de avançado, apresentou-se como candidato independente.

Havia de triunfar, fôsse como fôsse, nada o impedindo de expandir a sua vontade, e de expôr o seu pensamento. E, assim, elevava na tribuna a sua eloqüência cheia de imagens que arrebatavam as massas.

Ao cabo duma encarniçada batalha eleitoral, La Guardia foi eleito governador de Nova York.

Esta vitória, tendo constituido uma retumbante desforra de La Guardia, manifestava também a decadência da organização política do Tammany Hall que, durante trinta anos, dominara em Nova York com absoluta autoridade.

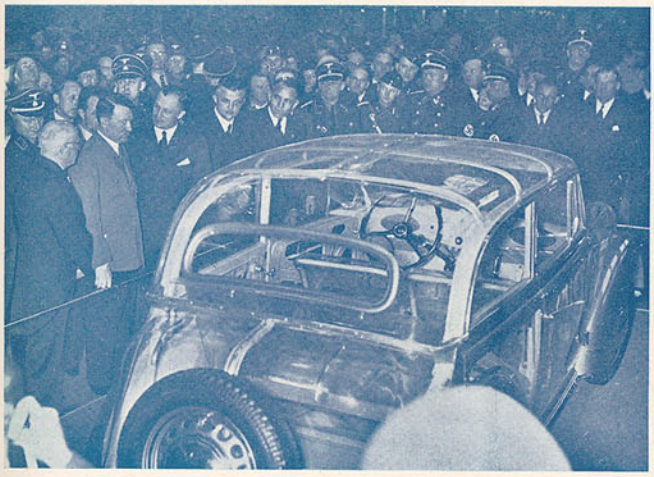
Surpresas da política! O favorito do alto poder era batido pelo "fusionista" La Guardia que os republicanos apoiavam.

Foi talvez êste triunfo que fez levantar a cabeça ao vencedor, e, achando acanhado o espaço para os seus ataques, se dirigiu à Alemanha, apesar dos muitos milhares de léguas de Oceano que o separavam do Continente Europeu.

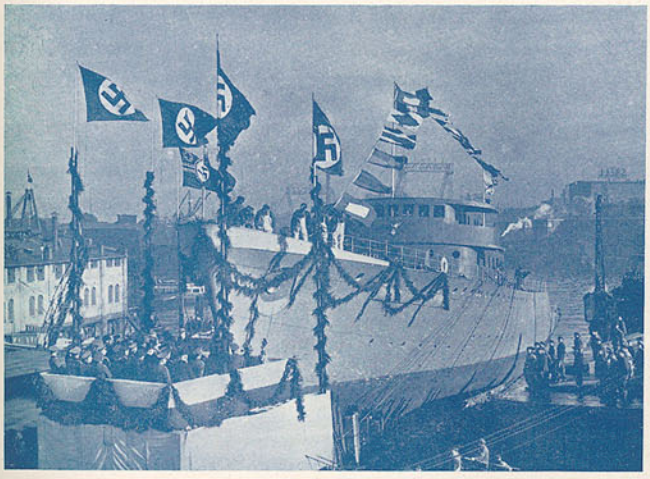
Nova York

ACTUALIDADES ESTRANGEIRAS

A fim de conseguirem mais largo descanso ás operárias das fábricas, as jóvens estudantes alemãs oferecem-se para ocupar o seu posto sem qualquer remuneração. A nossa gravura apresenta uma estudante recebendo as instruções da operária que fica a substituir. — Invento para destruir papeis indiscretos, reduzindo-os a pequenos fragmentos. — O professor alemão Leo Von Zur Muhlen que vai estudar a exploração de minerais na Abissínia



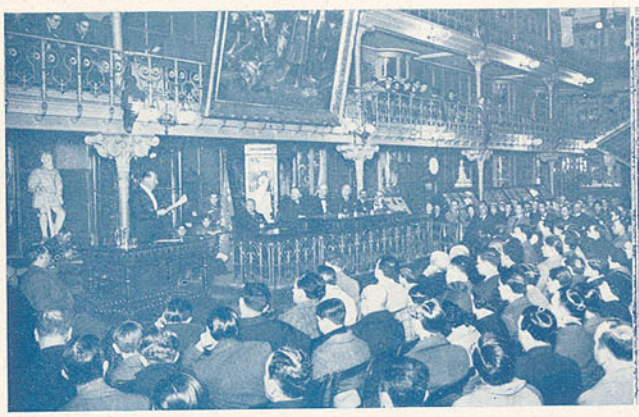
Na exposição de automóveis e bicicletas de Berlim, despertou geral atenção a apresentação de um automóvel todo em vidro, fabricado pelas oficinas da casa Opel. A nossa fotografia mostra o Führer inspeccionando o famoso carro. — *Á direita:* avisinhando-se a Páscoa começa a faina da pintura de ovos com as mais lindas côres e desenhos originais que constituem um mimo para as crianças



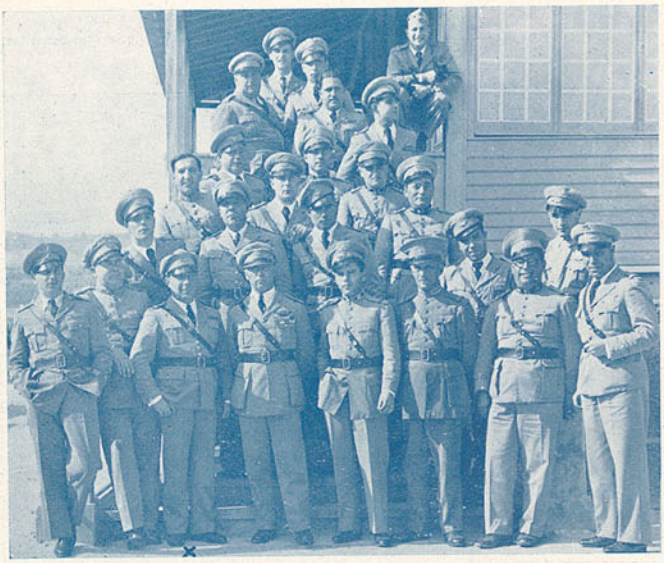
Em Hamburgo foi lançado ao mar um navio destinado a assegurar e proteger os aviões. Tem 77 metros de comprido por 11 de largo e foi baptizado com o nome de «Hans Rolshoven» em memória do avião que se despedaçou em Maio de 1918 em Zeebruge. — *Á direita:* uma das habituais festas das fábricas alemãs em que os dirigentes e os dirigidos entram em franca confraternização, em certas épocas do ano

ACTUALIDADES DA QUINZENA

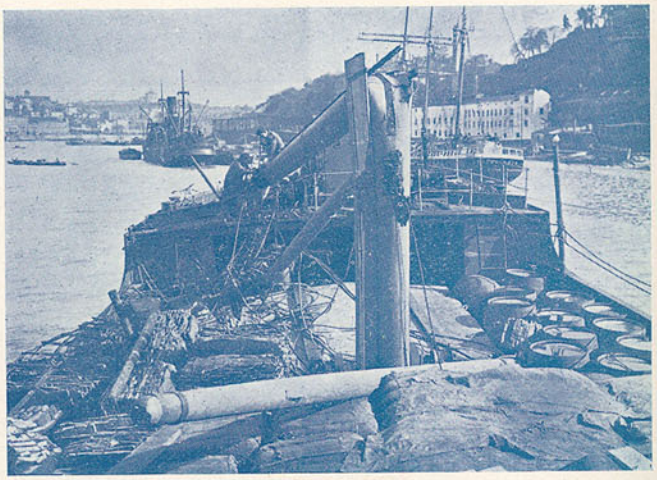
Comemorando-se o 134.º aniversário da fundação do Colégio Militar, os alunos dêste modelar estabelecimento receberam das mãos do Chefe do Estado a Bandeira do batalhão escolar. A' ESQUERDA: O sr. Presidente da República, o sr. ministro da Educação Nacional e outras entidades oficiais ouvindo o discurso do comandante do batalhão, aluno Bastos Carreiros. — A' DIREITA: O Chefe do Estado entregando a Bandeira



Perante numerosa assistência, o nosso colaborador dr. Salazar Carreira realizou na Sociedade de Geografia, em sessão comemorativa do 7.º aniversário da Escola Superior de Educação Física, uma conferência sôbre «A lição dos jogos de Berlim». — A sessão inaugural dos trabalhos académicos de 1937, na Academia das Ciências, constituiu um grande acontecimento literário. A nossa gravura apresenta o sr. Presidente da República com o sr. ministro da Educação Nacional, o sr. dr. Júlio Dantas, presidente da Academia das Ciências e outras individualidades que assistiram á sessão solene



Oficiais aviadores do Grupo de Bombardeamento que assistiram à festa de homenagem ao capitão Joaquim Baltazar por motivo da sua partida para Angola, onde vai ocupar o cargo de adjunto aeronáutico



O estado em que ficou reduzida a proa do vapor sueco «Lilly», após o seu abalroamento no Rio Douro. Quando pretendia sair a barra com rumo a Bordeus, o leme desobedeceu ao comando, seguindo o barco em direcção da margem direita. Foi encalhar próximo do cais do gás entre os lugres portugueses «Vencedor» e «Navegador» que ali estavam fundeados. Ao cruzar-se com essas embarcações o «gurupés» do «Vencedor» estilhaçou a casa de comando do «Lilly»

HÁ CEM ANOS

QUANDO A RAINHA VICTORIA SUCEDEU A SEU TIO GUILHERME IV

Rainha Victoria

ERA o alvorecer de uma manhã de Junho. Por entre o arvoredo do parque, dormia silencioso o Palácio de Kensington, pequeno, rústico e pitoresco. A dentro das suas paredes, recobertas de hera e outras trepadeiras, ninguém se movia ainda e ninguém antecipava que daí a momentos se passaria ali um acontecimento, que havia de pesar e modificar a história de um dos países mais importantes do mundo civilizado. As ruas de Londres também não haviam ainda acordado do seu sonho da noite: praças e ruelas estavam ainda envoltas numa sombra, que começava a tornar-se indecisa; a morte do seu rei não era esperada para tão breve. Do Castelo de Windsor, no entanto, partira a tôda a brida, uma sege, puxada por quatro possantes animais, que conduzia dois cavalheiros, cuja emoção e ansiedade se retratavam nas suas feições de gente habituada a mover-se nas camadas mais elevadas da sociedade. Dirigiam-se para para o Palácio de Kensington, portadores de uma missão da mais alta importância política. Quando ali chegaram rompeu a manhã de um dia, cuja influência se havia de sentir na maior extensão do nosso globo. O relójio da tôrre bateu as cinco horas, quando o rodar da carruagem veio alvoroçar a passarada e romper o silêncio de uma manhã fria; mas o Palácio adormecido não acordou ao barulho do veículo. Desceram da sege, bateram à aldraba, puxaram pela sineta, esmurraçaram o portão, até que um porteiro, estremunhado e surpreendido no seu sonho da manhã, os admitiu num pequeno pátio de entrada, onde parecia que os haviam de eternizar. A porta, que dava ingresso ao interior do Palácio, continuava hermèticamente fechada e, quando por fim se abriu para dar entrada a tão matutinos visitantes, estes foram levados para um salão, onde deveriam esperar, pacientemente. Fartos de esperar puxaram pelo cordão de seda vermelho, pendurado ao lado da chaminé e, a êste chamamento, acudiu alguém para preguntar o que desejavam. Responderam que eram o Arcebispo de Canterbury e o Lord Chamberlain, que pediam à aia da Princesa Vitória, que informasse sua Alteza Real de que estes pediam respeitosamente uma audiência para assunto da mais alta importância. O pedido pareceu não ter produzido o menor efeito sôbre a tranquilidade daquela sossegada mansão, até que os dois comissionados novamente se viram forçados a puxar pelo cordão vermelho da campainha, pendurado ao lado da chaminé. Esta falta protocolar teve por conseqüência atraír uma mestra alemã, de pesadas proporções, que informou os visitantes de que a princesa naquele momento estava entregue a um sono tão suave e doce de que ninguém se atreveria a despertá-la. Os visitantes responderam que a sua missão era destinada à Rainha, e que a importância da missão sobrelevava à doçura e suavidade do sono de Sua Majestade. Estas palavras mágicas agiram; o Palácio adormecido moveu-se; no andar superior houve rumor de passos; a Duquesa de Kent, acordou para, por sua vez, acordar a filha, que dormia no mesmo quarto. Vitória acordou sobressaltada com a surpreendente notícia de que no pavimento inferior a esperavam o Bispo de Canterbury e Lord Conyngham. Eram 6 horas da manhã do dia 20 de Junho de 1837; a partir daquele momento começava para a Grã Bretanha um novo reinado. Vitória havia nascido em 1819 e sucedia a seu tio Guilherme IV, falecido no Castelo de Windsor.

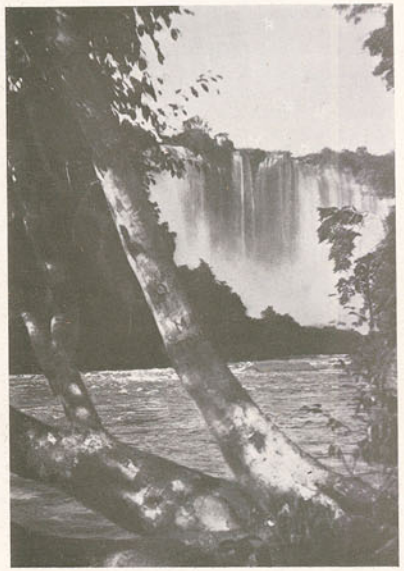
Adolfo Benarús.

A coroação da Rainha Victoria

PARA ALÉM DO ZAIRE

PASTORÍCIA AFRICANA

Breves apontamentos da Região Mocubal



Uma cascata sussurrante

Quási a cento e noventa quilómetros da cidade de Sá da Bandeira, vindo a corta mato, pelo caminho mais perto que é a estrada de carros boers, assente nas margens do rio Bentiaba, encontram-se dispersas a um lado e outro algumas casas de pau a pique, várias "libatas" e currais, pequeno povoado, conhecido pelo nome de Ambo. Esta região, estremamente montanhosa, rodeia-se de serras quási que graníticas, deixando à vista e por entre as manchas escuras das florestas, zimbórios monstruosos de brancas lages polidas, como sejam os do "Tolundo" e "Domboaneno".

O rio corre entre gargantas abruptas, eriçadas de fortins pedregosos, fendidos a prumo, formando cavernas, covis de animais bravios.

É situado no meio destas gargantas e onde elas se alargam mais, tomando a configuração dum enorme caldeiro, que vamos encontrar o Ambo.

Não se julgue que êste quadro é sòmente pintado pela côr branca e também enfarruscada e limosa dos grandes calhaus, pois que por entre êles vicejam com pujança os "imbondeiros", os "mungirites", os "mumes" e o "mutaco", belíssimas árvores, algumas de boa madeira, tirando o "imbondeiro" que empana a paisagem emprestando-lhe o seu todo melancólico.

Mulher mamuila

Um trecho de paisagem

Depois temos os arbustos, as espinheiras, os "muchitos" rentes às margens, as trepadeiras, os fetos e as várias flores selvagens, formando tôdas estas espécies um cenário policromático, onde predominam as várias tonalidades do verde, do amarelo e do vermelho. Quando as chuvas torrenciais desabam nêste poço imenso fazendo transbordar o rio, o espectáculo que a fúria dos elementos oferece, é o mais surpreendente que imaginar se possa.

A princípio, um calor húmido e asfixiante, volatilizando as matérias decompostas, impregnando a atmosfera dum intenso cheiro amoniacal; depois o atropêlo doido das águas, escorrendo das serras, alastrando furiosas os lôdos pelas "mololas", num esgar empapado, por aquêle vale extensíssimo onde o capinzal forma um labirinto sem fim... mar proceloso ondulando à passagem veloz do vento iracundo!

A terra tréme! Os pedregulhos rolam apocalípticos, chocam-se desferindo chispas, saltam madeiros envoltos em tições ao tocar-lhes o raio, e o grande rachador no voltear rápido do seu machado luminoso e eléctrico, semeia o pânico, num estralejar perpétuo de coriscos raivosos que arranham as órbitas de mêdo.

Agora, já o som ecôa na abóboda das nuvens esfarrapadas razoirando os píncaros e a luz em rotundidades luminosas,

Águas mansas

em vez pelo assobio arripiante dos ofídios e fazendo contra-canto, as cigarras e grilos, começam a sacudir as asas que estiveram humedecidas.

Pela quebrada dos morros dessiminados como ilhotas no meio daquela estensa planura, descem manadas de bois, num andar dolente, mugíndo as fêmeas ao chamar as crias que no "sambo" ficaram encurraladas, à espera das mães, que ao morrer do dia voltam com os úberes prenhes e lhos oferecem satisfeitas e ao mesmo tempo doridas.

O pastor veste peles de cabrito ou de chacal, uma à frente e outra atrás, suspensas de uma "piarsa" que lhe serve de cinto. Nos rins, entalados, cruzam-se os "porrinhos" e a "catana" e a tira-colo, prêso por um fio de missangas, uma "motunga" ou faca de dois palmos.

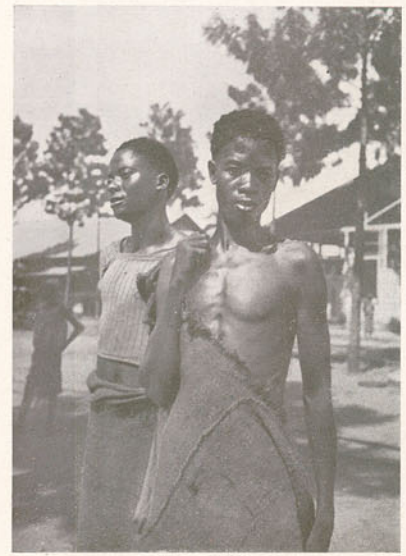
Juventude brônzea

Assim anda de serra em serra procurando os melhores pastos para o seu gado que é tôda a sua ambição e o seu afecto! — ao dirigi-lo, chama cada cabeça pelo seu nome, e o animal obediente, quási que afagado pela voz selvagem mas acariciante, muge virando o olhar, mixto de ternura e agradecimento.

Então o pastor, cheio de contentamento, grita, pula e salta, sua única maneira de demonstrar a alegria!...

As mulheres, suas escravas, arimbam as "nacas" do milho para o pirão e a massambala para o "macau" — bebida terrivelmente alcoólica, que os prostra num marasmo ao fim de abundantes libações.

De retorno, já noite, ainda quando a lua opaliza froixamente os "imbondeiros", os "mungirites", os "mumes" e o "mutaco", belíssimas árvores, algumas de boa madeira, tirando o "imbondeiro" que empana a paisagem emprestando-lhe o seu todo melancólico.



A estrada da Humpata

Depois temos os arbustos, as espinheiras, os "muchitos" rentes às margens, as trepadeiras, os fetos e as várias flores selvagens, formando tôdas estas espécies um cenário policromático, onde predominam as várias tonalidades do verde, do amarelo e do vermelho. Quando as chuvas torrenciais desabam nêste poço imenso fazendo transbordar o rio, o espectáculo que a fúria dos elementos oferece, é o mais surpreendente que imaginar se possa.

A princípio, um calor húmido e asfixiante, volatilizando as matérias decompostas, impregnando a atmosfera dum intenso cheiro amoniacal; depois o atropêlo doido das águas, escorrendo das serras, alastrando furiosas os lôdos pelas "mololas", num esgar empapado, por aquêle vale extensíssimo onde o capinzal forma um labirinto sem fim... mar proceloso ondulando à passagem veloz do vento iracundo!

A terra tréme! Os pedregulhos rolam apocalípticos, chocam-se desferindo chispas, saltam madeiros envoltos em tições ao tocar-lhes o raio, e o grande rachador no voltear rápido do seu machado luminoso e eléctrico, semeia o pânico, num estralejar perpétuo de coriscos raivosos que arranham as órbitas de mêdo.

Agora, já o som ecôa na abóboda das nuvens esfarrapadas razoirando os píncaros e a luz em rotundidades luminosas,

Águas mansas

como "plafonniers", começa a espargir-se em madeichas, aqui e além, afagando a Natureza magoada.

O trovão ribombando longe e preguiçoso, abafa os seus passos em ondas de algodão. Paira no ar o frémito canoro das rãs; e como à mágoa imensa duma virgem violentada, a Natura chora lágrimas cristalinas e frias, mui de mansinho, trementes, num resvalar arredondado na superfície lisa das fôlhas.

Junto às toalhas líquidas das lagoas, por entre os canaviais, os patos bravos aos bandos, grasnam de contentes, entrelaçando os seus ninhos de plumagem e palhinhas, vivendas pequeninas com seu jardim de nenúfares.

A zoada dos ínfimos é cortada de vez

Camões

Um drama de amor, um drama de alcôva. Beijo ou traição de mulher. E, abrindo uma selecta, mais recordava do que lia.

— Oiça, menina Maria Luiza, e acompanhe a voz dolente dos nossos primeiros trovadores:

Ay mia senhor, assi moir'eu...

O amor, a saüdade, a morte.

E assi morrerei por quen
nem quer meu mal, nem quer meu ben.

Bernardim Ribeiro

A trova de Afonso Sanches:

Dizia la fremosinha
Ay deus, val.
Com'estou d'amor ferida
Ay deus, val.

ou a canção da

Leonoreta
fin'roseta
bela sobre toda fror...

No cancioneiro de Rezende:

Mal sem meo e mal sem fim,
dor que ninguem não entende,

assim dizia Sá de Miranda. E a voz de Bernardim Ribeiro preguntava

Mas quem viste tu esquecido
daquilo que dá saudade?

"lembrança da alma, que não pode ser apertada". Gil Vicente, o enorme Gil:

Os vossos olhos, senhora,
senhora da formosura,
por cada momento de hora
dão mil anos de tristura.

É o nosso amor, o amor português. O coração soluça. É o coração que ama. De Crisfal:

Por vós minha esperança
fim de todo o meu desejo
de meus cuydados lembrança.

até Camões, o dos maravilhosos sonetos. O Camões do

Amor e Saudade
nem licença me dão para matar-me.

e das redondilhas a Leonor:

Descalça, vai para a fonte,
Leonor pela verdura...
Mais branca que a neve pura,
Vai formosa e não segura.
Chove nela graça tanta,
Que dá graça á formosura;
Vai formosa, e não segura.

Ou das endechas a Barbara:

Aquela cativa
Que me tem cativo
Porque nela vivo...

O dr. António Ferreira:

Já á minha noite amanheceu um dia

e Fr. Agostinho da Cruz:

Amor...
dá vida e mata.
E converte a tristeza em alegria;
A noite escura em dia fresco e claro.
...
Só nunca poderá, por mais que ande,
Fazer que me arrependa de perder-me...

Fazer que me arrependa de perder-me! Perder-me — e assim o

Os poetas e a Saüdade

dum bem que se perdeu porque foi alcançado

quero. Perder-me... Escute o suave lamento de Roiz Lobo:

Mil anos ha que busco a minha estrela,
E os fados dizem que m'a tem guardada;
Levantei-me de noite e madrugada,
Por mais que madruguei, não pude vê-la.

Atravessa os séculos e fere as almas,

Gil Vicente

as mais várias e distantes, como queixume tão nosso, um desejo ardente e comovido — é já desengano e saudade. Quantas vezes, em romagem de espectros, na biblioteca do Arcediago, ouvia o rouco clamor piedoso? Bernardes e Vieira, D. Francisco Manuel de Melo, as Cartas da Freira ou os motetes de Sóror Madalena da Glória:

tenho amor, sem ter amores,

os árcades, Alcino ou Gonzaga, o turbado génio do irrequieto Bocage:

Meu ser evaporei na lida insana
do tropel das paixões...

até Garrett:

... levai essa dor aos céus.
... Rogando á Eterna Bondade
que estenda a imensa piedade
a quantos pecam de amor.

e, depois de Garrett, a nossos dias, Antero:

Pôz-te Deus sôbre a fronte a mão piedosa...

João de Deus

... amortecendo
a luz que nesta vida me guiava...
... não sei se me voou, se m'a levaram...

Tomaz António Gonzaga

Junqueiro e os poetas das novas gerações, que eu já não sei ler. Camilo escreveu em romance o — *amor de perdição*. A perdição do amor.

É aquela figura ridícula e desgraçada do *José Matias*, na obra de Eça de Queiroz; é, em Fialho, a *Madona do Campo Santo* e a *Ruiva*.

Versos que sôam tão branda e magoadamente que não são poesias, mas orações. Que império nos ficou de tantas aventuras, tão arriscadas navegações e árduas conquistas? — um poema, o maior de todos os poemas. O que trouxemos da Índia? — a história trágico-marítima. Afonso de Albuquerque é o heroísmo brônzeo, Manuel de Sousa Sepúlveda é a abnegação humana.

Em todos êsses versos flui a expressão do mesmo sentimento — o regente namorado, o misticismo devoto, a paixão fremente, a loucura santa. Depois — a saüdade. A saüdade de um bem que se perdeu, porque se alcançou, e é diferente do que sonháramos. Saüdade — luto e saüdade — esperança, renascendo da morte em novo sonho. E, nessa lírica expressão, a mesma quebrada dolência musical.

Nunca me entretive a esmiuçar biografias, cuidado erudito muito de louvar. Abria um livro — e escutava. No meu coração dolente e velho rezava essa voz distante:

Sete anos de pastor Jacob servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela...
... Vendo o triste pastor que com enganos
assim lhe era negado a sua pastora...
... começou a servir outros sete anos
... dizendo — mais servira se não fôra
para tão longo amor tão curta vida.

— É lindo, é lindo!

Maria Luiza vinha descendo à frente — era a hora em que o pai a chamava e lhe incumbia os serviços urgentes do govêrno doméstico. Lázaro atardava-se. Pelo caminho, escorregadio no penhasco, tinha os braços e raizes das arvores para se apegar. Num montículo, donde se via aaldeia, entre o alto do campanário e o casão solarengo, gostava de sentar-se um pouco. As emanações da terra e a poesia do ceu tingiam-se nas côres amortecidas do poente.

.....

.....

.....

Quando Lázaro chegou ao quarto, já a luz da manhã, outra vez, se esfumava pardacenta. Do alpendre, onde a noite da chegada ouvira carpir o têrço, uma mulher cantarolava, ensonada e fraca, ao lento mover e baloiçar do berço:

«Anda a lua no caminho
pela neve a orvalhar...

— Vê se dormes, filhinho!...

Ao chôro da saüdade,

— Arranhas-me os seios, meu anjo!...

neva o amor em luar ...»

Lázaro deitou-se de bruços sôbre a cama em desfeito pranto. Depois, ouviu a voz de Maria da Cruz a embalá-lo também — "Lazarito, meu bom filho". Cecília muito criança, a dizer-lhe meigamente — "Nós juntos, ambos, sempre, queres?" e Grácia, tôda risonha e acariciadora — "Zarinho, papá... Zarinho, papá..."

Eduardo de Almeida

Sóror Mariana

Sá de Miranda

DELÍRIOS

A «Cidade do Oiro»

e as suas tão sedutoras quão enganosas miragens

Nascera ali, entre pinheirais extensos e claridades subtis de riachos saltitantes, enviado por Deus a amenizar a austeridade daquele casal já unido há um bom par de anos.

Era um pequerrucho lindo, inocente, que com seus risos e chilreios alegrava o casebre humilde, abrigado nas faldas da serrania escarpada, e tanta dita, tanta ventura trouxe ao triste lar, que seus pais julgavam morrer, se o seu rostozinho se ensombrava de desconhecida mágoa.

Chamaram-lhe António, e êle cresceu, bom, meigo, crente e virtuoso.

Na aldeia modesta e pacata todos o estimavam, pelas suas virtudes e pela sua singeleza. Singela era também a aldeia, onde não cresciam nem ódios nem ambições!

No viver de António, aos quinze anos, um só pesar havia...

A pobreza em que vivia, e não permitia aos bons velhotes vida desafogada, numa cazinha caiada e confortável.

Mas, enfim! Antes assim que pior!

E cantava, desde pela manhã à noite, como avezinha em liberdade!

Um dia, na aldeia de António, houve novidade de estrondo, que alvoroçou tôda a gente!

Viera instalar-se ali um senhor da cidade, um ricaço, que vinha "di lá", das bandas da "Cidade do Oiro", como a gente humilde designava êsse mirífico Brasil das tristes ambições!

O brasileiro acomodou-se ali, começou captando a simpatia dos pobres trabalhadores, fascinando-os com a visão dos montes de oiro... fabulosos e imaginários, e, um dia, quando anunciou a sua partida, muitos homens quizeram ir também!

António, que só de longe ouvira falar na fortuna do brasileiro, ignorava êsse pormenor...

E, cantando, empoleirado na escada, a caiar o casebre humílimo, soube de novo pela bôca rosada duma rapariguita garrula e pretenciosa.

— Ó Toino! O brasileiro leva com êle os "homes" que quiserem ir! Vão ganhar rios de dinheiro, e hão-de voltar ricos como êle!

— É sério? — disse meio incrédulo o rapaz.

— É sério! É só querer! Depois... lá na cidade do Oiro, o dinheiro é tanto!... Imagina! Diz êle, que as pedras, calhaus lá, são de oiro!

António ouvia-a maravilhado, e quando a rapariguita se afastou, deixou que a brocha lhe caisse das mãos, e sentou-se num degrau do escadote, a pensar, a pensar...

E na sua mente, passavam, como em um *écran*, visões fabulosas de riquesas, de dinheiro...

E se êle fôsse também? Poderia depois dar uma cazinha aos pais, como era seu sonho de há muito, e viveriam opulentos, faustosos...

Iria! Sim, iria!

Mas, para isso era necessário primeiro falar ao brasileiro!

Se êle não quisesse? Mas não, não podia ser! Êle tinha dito que sim!

E então, decidido, resolveu ir à aldeia a fazer-se encontrado com o homem da Cidade do Oiro.

Foi... e quando voltou, vinha transfigurado. Dentro de si, tumultuavam já ambições desmedidas.

E declarou aos pobres pais:

— Vou partir! Vou para a Cidade do Oiro! Quando vier, voltarei rico, e vossemecês não mais terão necessidades, não mais habitarão neste casebre!

— Deixa-te disso rapaz! — gritou o velho — Isso são miragens, são falsidades, que inventam! A felicidade está aqui, nestas paredes pobrezinhas mas honestas!

Foi debalde que o pai, com a voz da razão e da experiência procurou fazer reconduzir o desvairado ao caminho do bom senso.

O rapaz estava completamente fascinado e nem os rogos e as lágrimas da santa velhinha o demoveram do seu propósito.

Partiu...

A começo ainda os pais recebiam notícias, mas depois... nem uma linha sequer, a dizer-lhes que viria...

Passaram anos, e de António, o inocente rapazito já nada restava naquela aldeia pobrezinha, senão uma saudade imensa, uma esperança morta no coração dos velhos pais, que choravam o filho, já no outro mundo, certamente...

.....

Uma noite, em que a tempestade rugia, no seu concerto estrídulo de fanfarra, com gritos desabalados do vento, com o soluçar da chuva, do trovão a bramir iras celestes, os velhos pais de António, no seu casebre frio e pobre, mais pobre e frio dêsde o dia em que a luz da sua vida fôra para longe, donde não voltaria, fechavam as janelas e a porta, e sentavam-se à lareira, a comer um pouco de brôa.

A velhinha rezava, o alquebrado homem ia meditando.

Súbito, na porta fechada de há pouco soaram pancadas violentas, que os sobressaltaram.

E à pregunta: Quem é? — apenas novas pancadas responderam.

Então, o velho foi abrir, e deparou com um homem, decerto, novo, ainda, mas andrajoso, encharcado, barba inculta e crêspa, olhar angustioso.

A violencia do vento empurrava o desconhecido, e o velho então, mandou-o entrar, compassivo.

De novo fechava a porta, ambos os velhos miraram o homem, que os olhava, com mal contida comoção, uma comoção idêntica à que a vélhinha sentia, dêsde o instante em que os seus olhos tristes, haviam encontrado os dêste...

E um grito irreprimível, partiu do mais fundo da alma da feliz mãi: — Meu António! Meu filho!

E abraçaram-se; mãi, pai, filho!

Era António! Mas que António! O que a vida e a desdita haviam feito do rapazinho gracil!!

Mas que lhes importava aos pobres e bons velhos, que êle já não fôsse branco e lindo como dantes?

Era êle, era o seu filho, há tanto chorado! — Filho, filho! — gemiam ambos, a beijá-lo enternecidamente.

E passadas as primeiras efusões, António contou assim a sua história, a sua odissêia:

— Depois que fui daqui, enganado, ludibriado na minha bôa fé, embarquei para a Cidade do Oiro... Levava a promessa de encontrar bom emprêgo, lá... Iam comigo outros como eu, todos êles crentes e ávidos dessa riquesa ambicionada... Chegámos...

Utilisei a carta que êsse malvado me deu... Não existia a pessoa a quem me recomendava! Horrendo foi o meu fadário, sòzinho e sem dinheiro, numa terra extranha!... Conheci a fome, o frio, o desespêro! Experimentei tôdas as misérias durante êstes largos anos, fui mil vezes mais pobre e mais desgraçado do que o seria aqui, por muito pobre e desgraçado que fôsse.

Lembrei-me então das vossas palavras, dos vossos conselhos! Compreendi a vossa razão. Mas era tarde! As minhas lágrimas já nada remediavam! Sofri e lutei, mas não podia vencer a adversidade, que parecia, assim castigar-me das minhas ambições.

A cidade... que eu julgava do Oiro, era de fel e amargura, para mim, e para tantos outros infelizes! E um dia, fui repatriado! Voltei. Mas hesitei muito, antes de aqui vir... Receiava...

Não concluiu e abraçou-se aos pais, chorando.

Estes tinham compreendido, o abraçavam-no, comovidos.

Então, num desafôgo, António gritou: — Ah, pai! Como é louco aquele que vai procurar longe da sua terra a felicidade, que só ela lhe pode dar! Troca pelas quimeras a família, o lar, o pão! Vai buscar oiro em terras que não o conhecem, quando o pode extrair do solo da sua Pátria...

E baixinho, numa prece, murmurou ainda: — Portugal... meu Portugal! Perdôa-me!

Decorreram alguns anos, e, António, refeito do abalo sofrido, conseguira tomar de renda umas pequenas courelas que ia cultivando com tôda a sua boa vontade. Anos melhores, anos piores, conseguiu amealhar algum dinheiro com que foi comprando alguns bocaditos de terra.

Tendo casado com uma moçoila trabalhadeira e asseada, não tardou em mandar construir uma cazinha que serviria também de abrigo a seus velhos pais. Realizara-se finalmente o seu mais grato sonho! E para o conseguir não fora necessário ir à procura da "Cidade do Oiro" que ainda ninguem viu desde que o mundo é mundo. A felicidade, como muito bem lhe aconselhara a sábia experiência de seu velho pai, estava ali!

A felicidade está neste torrão bendito em que nascemos e no qual desejamos viver e prosperar. E na hora final, quando for necessário abandonar a vida, então que a terra da Pátria seja a nossa sepultura.

A "Cidade do Oiro"! Onde fica a "Cidade do Oiro"?

Mas se cada um de nós a está contemplando, ao fitar a nossa querida terra!

Odette Passos de Saint-Maurice.

— Desde quando é mutilado dêsse braço? — preguntou uma dama compassiva a um pobre que lhe pedia esmola.

— Desde que mo cortaram, minha senhora.

■

— Leve êste relójio que vai bem servido. Creia que lho vendo pelo custo.

— Então não ganha nada?

— Nada. Posso mostrar-lhe as facturas da fábrica.

— Mas então o seu lucro?

— Isso vem depois... com os consêrtos.

■

— Que está você ai a fazer, estatelado no chão?

— Ó senhor guarda, não posso estar de pé, porque estou com um grande ataque de *gota*.

— Você está, mas é com a *pinga!*...

— Há de ser isso, mas cá para mim, *gota* ou *pinga* é tudo a mesma coisa.

■

Num tribunal:

— Diga-me, senhora testemunha, o que presenciou àcerca dêste caso?

— Eu vi aquele senhor fazer uns gestos com os dois braços para o reu, como

O professor: — *Dê-me um exemplo de hipócrita.*
O aluno: — *Um estudante que vem contente para a aula.*

quem bandarilha um toiro; e depois o reu bateu-lhe com uma bengala.

— Então que gestos foram êsses?

A testemunha prepara-se para satisfazer a ordem do juiz, mas êste diz-lhe rapidamente:

— Volte-se para os senhores jurados e faça-lhes isso, porque são êles que vão julgar a causa.

■

— Desde que estás casado, ao menos já não andas rôto.

— E' que a minha mulher ensinou-me a coser!

■

— Queres que te apresente a minha mulher?

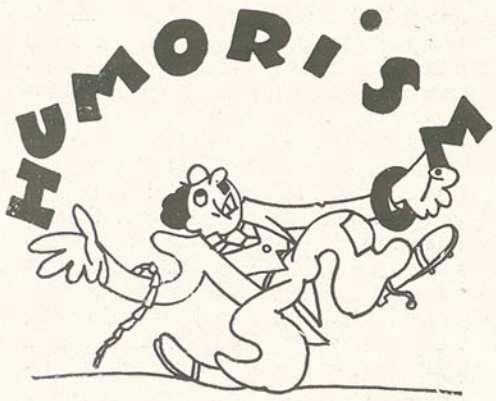
— Não. Conheço a minha... e basta!

■

— Dou-lhe cinco escudos pelo quadro, e é pegar ou largar.

— Cinco escudos? Mais do que isso me custou a tela.

— Acredito. Mas nessa altura não estava ainda pintada.



Uma cigana lê a *buena-dicha* à dona da casa.

— Nas linhas da sua mão não vejo infelizmente boas notícias... Morrerá aos 44 anos...

— Mas se eu já fiz 46 — protesta, admirada, a ingénua senhora.

— Chiu! Então esteja caladinha e não diga nada a ninguém, porque já há dois anos que devia estar morta.

■

Ao telefone:

— Está lá?... Está lá?

— ...

— E' da Estação?... Faça favor de ligar com minha mulher.

— ...

— O quê? O número? Então quantas mulheres imagina que tenho?

■

O advogado:

— A senhora mostrou o arrendamento ao procurador do senhorio?

— Mostrei, sim senhor.

— E que lhe respondeu o procurador?

— Disse-me que fôsse para o diabo!

— E a senhora o que fez?

— Vim ter com o doutor!...

■

O Titi, quatro anos escassos, vai para a praia, pela primeira vez. Contempla ansiosamente o espectáculo inédito do mar. Mas surge no horizonte um paquete; aproxima-se, adquire detalhes. Titi volta-se para a mãi e exclama:

— Mamã!... Olha... Os comboios também vêm a banhos!...

— *As visitas são sempre agradáveis...*
— *Sempre. Se o não são quando entram, são-no, pelo menos, quando saem.*

No campo, entre montanhas. Um veraneante enceta conversa com um homem da região:

O veraneante: — Eu cá, posso bem dizê-lo. se vivo, às serras o devo!

O *aldeão:* — Tal qual como eu...

O veraneante: — Coitado! Também sofre do peito?

O aldeão: — Não, senhor; sou carpinteiro.

■

— As mulheres são mais bonitas do que os homens.

— Naturalmente.

— Naturalmente, não; artificialmente...

■

Num banquete:

— Porque se retiraram as senhoras?

— E' que vamos guardar dois minutos de silêncio pela morte dos heróis.

■

A senhora para a nova criada:

— Sei que gosta de espreitar às portas e isso é muito feio. Não há pior defeito.

— *Então você fuma os meus cigarros?*
— *Mas o senhor deu-me licença para fumar.*
— *Dei, para fumar os seus cigarrros.*
— *Faça favor de desculpar, mas para fumar os meus, não precisava de licença.*

Em casa da minha amiga D. Epifânia, chegava a espreitar pelo buraco da fechadura...

— Ai, se a senhora soubesse o que eu vi e ouvi!

— Sim?! Então conte-me tudo.

■

O marido irritadíssimo:

— Francamente, isto é demais! Sopa salgada, carne queimada, batatas cruas, alhos com casca, peixe com escama... é preciso pôr na rua essa maldita cosinheira.

— Já a despedi ontem — responde a mulher atarantada — hoje fui eu quem fiz o jantar.

■

Êle: — Ora houve o que diz de mim êste jornal: "Êste admirável actor, já conhecido em todo o Portugal e Brasil, em breve será uma notabilidade mundial...„

O outro: — Quem foi o estúpido que escreveu isso?

Êle: — ... Fui eu!...

FIGURAS E FACTOS

Comemorou-se o centenário da Escola Médica de Lisboa com a presença do Chefe do Estado, do ministro da Educação Nacional e de outras individualidades em destaque. Discursaram os srs. prof. drs. Caeiro da Mata e Celestino da Costa, seguindo-se a inauguração das exposições de objectos iconográficos e documentais, e das salas de autonomia patológica e o descerramento da lápida de homenagem ao benemérito dr. Simão José Fernandes. A nossa gravura apresenta o Chefe do Estado com o ministro da Educação Nacional e os professores catedráticos

Repatriados espanhois vindos da Alemanha, a bordo do «General Artigas» que regressam á Espanha nacionalista. Estes 130 espanhois, fugidos dos portos do Levante, conseguiram atingir terras alemãs. Refeitos da comoção regressam à sua pátria. — A' DIREITA: Um aspecto da homenagem que foi prestada ao eminente prof. dr. Leite de Vasconcelos, vendo-se o Chefe do Estado que presidiu à sessão, e à esquerda o sr. dr. João da Silva Correia lendo o seu discurso. O ilustre sábio teve finalmente a homenagem que ha muito tempo lhe era devida. Ao cabo de uma longa vida de infatigável estudo, o ilustre homem de ciência recebe, enfim, o tributo de admiração a que tinha direito, embora, na sua modéstia de verdadeiro sábio, nunca tivesse dado por essa dúvida

A Livraria Bertrand, patenteando o seu enorme carinho pelo grande cientista e escritor brasileiro, sr. dr. Afrânio Peixoto, ofereceu um almôço íntimo em que apenas tomaram parte os corpos gerentes desta secular empreza editora. A nossa gravura apresenta o ilustre homem de ciência brasileiro, tendo á sua direita os srs. dr. Samuel Maia, dr. Caeiro da Mata e Salvador Costa, e à sua esquerda os srs. prof. dr. Augusto Monjardino, dr. Júlio Dantas e Artur Brandão. Nesse almôço íntimo, o ilustre sábio brasileiro deveria sentir-se comovido ao sentir bater junto do seu coração seis corações que muito o estimam e consideram e que, para mostrar a sua ternura, não careceram de organizar festas ruidosas. O seu maiis alto significado estava na simplicidade sincera.

O francês Émile Allais, campeão do mundo nos 3 provas de descida, obstáculos e combinado em esqui, fotografado à chegada duma das suas corridas

A QUINZENA DESPORTIVA

O excessivo interesse que o público, desportistas participantes e dirigentes clubistas consagram às principais competições nacionais ameaça perverter lamentavelmente a finalidade do desporto, criando nas multidões um estado de espírito que requer enérgica intervenção repressiva por parte dos poderes com autoridade na matéria.

O desporto, em acordo com os preceitos daqueles que persistem em assinalar-lhe uma missão educativa, deve ser essencialmente um dominador de paixões; transformar as suas manifestações activas em fomento de discórdias, em origem de campanhas incitantes da indisciplina e da desordem é dar prova duma inferioridade mental, tanto mais para lamentar quanto ela se manifesta em pessoas pertencentes às classes sociais chamadas cultas.

Infelizmente, cultura não é sinónimo de educação, e verificamos assim que as criaturas das quais era lógico supôr a iniciativa duma reacção moralizadora do meio, são aquelas que provam pior mentalidade e arrastam atrás das suas paixões desmedidas a exaltação sempre fácil das massas populares.

A mania da perseguição, tanta vez o temos repetido, é em pessôas sãs de espírito um sintôma de inferioridade mental. Negar o direito de crítica justa às nossas acções, considerarmo-nos muito acima do nosso próprio valor real e exigir que os outros o afirmem contra a evidência, é um vício perigoso e que pode conduzir aos mais reprováveis exageros.

A emulação desportiva é um excelente factor de progresso, digno de ser estimulado, porque nada mais legítimo na prática desportiva do que o desejo de vencer e convencer. Mas de aí a considerar testemunho de inimizade a manifestação dum juizo que não corresponde ao objectivo de tais aspirações, vai a distância infinita que separa o louvavel do condenável.

Todos os excessos, mesmo os excessos de auto-apreciação, merecem censura; muito mais quando partem de agremiações com responsabilidades sociais e se exteriorizam sob forma que equivale, no conceito das pessoas sensatas, ao absoluto descrédito das suas capacidades intelectuais e morais.

Correm mal os tempos, para quem espera confiadamente a influência correctiva da geração seguinte.

■

O combate entre os pugilistas Marcel Thil e Lon Brouillard, para disputa do título de campeão mundial dos pesos médios, do qual o primeiro é detentor, terminou de maneira irregular e foi posteriormente explorado para uma campanha de imprensa na qual parece que o desejo de provocar o escândalo aumentador de tiragens suplantou a escrupulosa apreciação da verdade.

Era esta a terceira vez que o francês e o canadiano se defrontavam, contando o primeiro duas vitórias, a primeira por pontos, a segunda por desclassificação do adversário que o atingiu com um sôco baixo.

A decisão suscitou de momento divergências de parecer entre os críticos, mas todos reconheceram a honestidade e lealdade de Thil, ilibando-o dos mínimos propósitos de simulação e fazendo inteira fé pelas suas declarações.

Sucedeu agora, que os acontecimentos se encaminharam de idêntica forma. Após cinco assaltos, de aventurada vantagem para Thil, e durante os quais o adversário cometera diversas irregularidades, chegando ao ponto de ameaçar agredir o árbitro, o francês foi atingido por um sôco que os juizes consideraram dado abaixo do limite da cintura e que lhe valeu a vitória por desclassificação de Brouillard.

Toda a imprensa parisiense apreciava severamente, no dia seguinte ao combate, o procedimento do culpado a quem declaravam pouco menos do que indesejavel. Surgiu, porém, no debate, ou antes como elemento de debate, um novo factor importante: o "filme" do encontro, no qual o operador colhêra todo o sexto assalto, portanto o sôco litigioso e os incidentes consecutivos.

O caso foi largamente reclamado, por certo a expensas da casa productora e do salão exibidor, que por acaso era o Cine *L'Auto*, casa especialisada em espectáculos de assunto desportivo.

Uma apresentação reservada aos jornalistas e técnicos confirmou dum modo geral a impressão anterior; houvera falta e a decisão era justa.

Ficaria o caso arrumado, se o jornal *L'Auto*, singularmente homónimo do cinema interessado, não levantasse então uma extranha campanha onde os argumentos mais extraordinários eram rebuscados para demonstrar que afinal o sôco de Brouillard atingira Thil no fígado e era, portanto, regular. E, em conclusão, convidava-se todo o público a ir vêr o "filme" e emitir a sua opinião; compreendido, não é verdade?

A nós, que estamos longe e analizamos os factos com absoluta independência de espírito, parece-nos que a imagem do "filme", que os leitores podem examinar nesta página, nada prova. Foi tomada do mau lado, o ângulo de incidência presta-se a erros de interpretação e tudo quanto se pretenda afirmar é simples hipótese; concretizar é impossível.

A atitude de *L'Auto*, "mesmo apresentada sob o aspecto de investigação imparcial da verdade, é pouco simpática porque a ninguem convence da pureza das suas intenções, e não hesita em lançar a suspeita de simulação e deslealdade sôbre um atleta considerado unanimemente como um exemplo de virtudes desportivas e profissionais.

A mais lamentável conseqüência desta súbita queima do ídolo, foi a decisão manifestada por Marcel Thil de abandonar definitivamente o pugilismo; rico com uma família feliz, revolta-se contra a manobra de interesses em que o seu nome é abocanhado, deixando, certamente com profunda melancolia, um meio em que nada se respeita quando o "maganão" do dinheiro se põe a tilintar.

■

Com a organização dos campeonatos nacionais concluiu a época nacional de corrida pelo campo, que no Porto quasi se limitou às provas de campeonato regional e em Lisboa teve maior actividade, mas de perfeita monotonia pela teimosia dos dirigentes associativos escolhendo para todas as corridas do seu programa o mesmo traçado, em terrenos que mais se assemelham a uma pista do que ao acidentado percurso dum "cross".

Apenas a prova nacional, a cargo da Federação, foi disputada em local diferente e realmente em acordo com os verdadeiros preceitos duma corrida pelo campo, e que, no entanto, não agradou a algumas competencias as quais apontaram o grave erro técnico de ver o piso arenoso durante certa extensão.

É pena que os escritos de tal censor não ultrapassem as fronteiras, para demonstrar aos grandes organismos estrangeiros que os respectivos dirigentes não passam de crassos ignorantes; imagine-se que para o Cross Internacional das Seis Nações, autêntico campeonato da Europa da especialidade que êste ano é organizado em Bruxelas, foi escolhido um percurso no qual cerca de três quilómetros seguem por terreno de areia! Se sabem da opinião do nosso entendido crítico, os federativos belgas com certeza modificam o trajecto da sua prova.

Tal como tem sucedido nos últimos anos, os campeonatos de Portugal de "cross" fôram, quanto a participação, uma réplica dos regionais lisboetas, pois o Pôrto, certamente pela consciência da sua inferioridade não enviou à capital os seus representantes.

Apesar da divergência de percursos, as equipas vencedoras fôram as mesmas, embora diversa a forma como alcançaram o triunfo. No campo plano e regular do Jockey, os juniores do Sporting ganharam por escassa diferença de pontos e os seniores do Benfica marcaram nítida superioridade; nos caminhos acidentados do Fedié, os juniores do Sporting conquistaram os cinco primeiros logares da sua prova, e os seniores do Benfica só por um ponto bateram os seus rivais.

Manuel Dias, um veterano que vale todos os novos, alcançou nos mesmos terrenos onde em 1927 se revelara obtendo o seu primeiro título de campeão, mais uma nitida vitória, a 19.ª da sua série de triunfos nacionais.

Na categoria dos "juniores", Amadeu Silva coroou uma carreira de já alguns anos de prática com uma bela prova que lhe permite transitar de categoria com a justa compensação dos seus esforços.

A evolução da época mostrou-nos a influência do critério de treino no rendimento dos corredores; a equipa do "Belenenses" exibiu-se nas primeiras competições de forma marcante, dominando todos os outros agrupamentos e alcançando três bôas vitórias nos Cross de Abertura, por Equipas de Dez e por Estafetas.

Salazar Carreira.

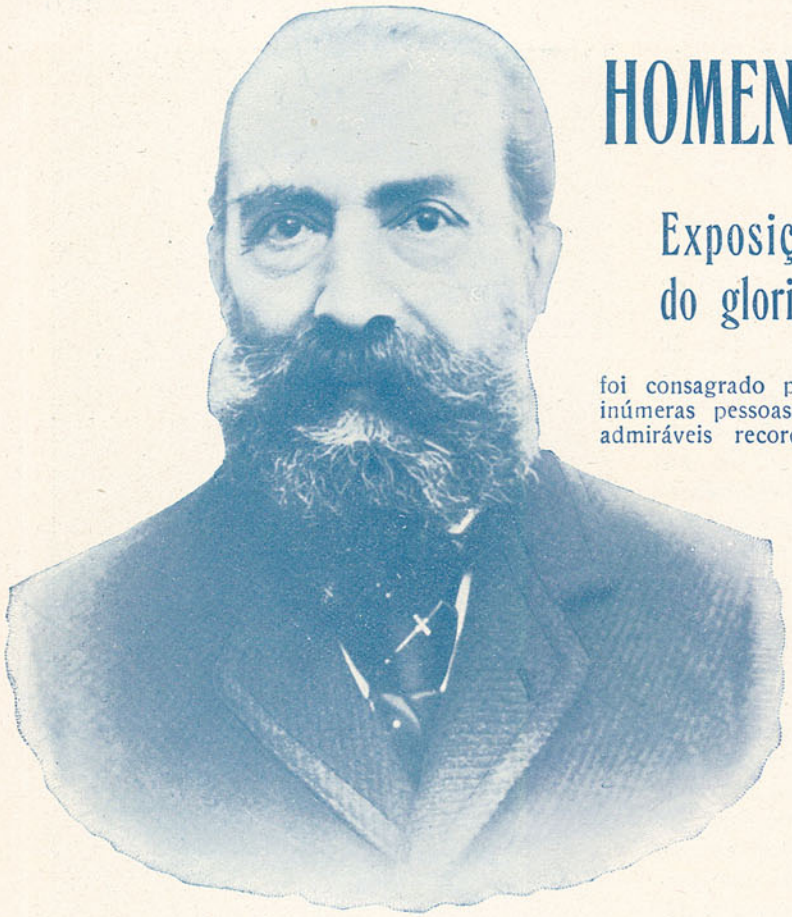
A partida dos concorrentes para o campeonato regional de «Cross-Country», na categoria dos juniores

A discutidíssima fotografia do golpe baixo que provocou a desclassificação de Brouillard no seu combate contra Thil, tal como figura no filme respectivo

A alemã Christel Cranz, vencedora da prova olímpica em Garmisch foi também a melhor esqualadora nos campeonatos do mundo dêste ano

HOMENAGEM A JOÃO DE DEUS

Exposição bibliográfica e iconográfica do glorioso autor da "Cartilha Maternal„



João de Deus

João de Deus não esquece mais! O seu nome glorioso, ligado ás líricas deliciosas do *Campo de Flores* e à obra grandiosa da *Cartilha Maternal*, ha de ser pronunciado com saüdade e devoção enquanto se falar português.

Ha dias, em comemoração do 107.º aniversário do nascimento do grande lírico foi inaugurada uma exposição bibliográfica e iconográfica que, além do seu altíssimo valor intrínseco, era nimbada por um carinho enternecedor. Este valioso certame, constituido, na sua maior parte por curiosos especimes que, há trinta anos a esta parte, o sr. dr. João de Deus Ramos, filho do Poeta, vem colecionando carinhosamente, mereceu a mais calorosa homenagem do Chefe do Estado que se dignou assistir à inauguração. O sr. general Carmona considerou esta iniciativa como uma das maiores manifestações de carinho e saüdade prestadas ao insigne autor da *Cartilha Maternal* e do *Campo de Flores*.

Nesta exposição, dedicada aos homens de letras e de ciência contemporâneos de João de Deus, figuraram também os célebres albuns oferecidos ao Poeta pelas academias de Lisboa, Coimbra e Porto, quando da ocasião da homenagem que lhe foi prestada pelos estudantes em 8 de Março de 1895; figuraram também as maquetes do monumento, os manuscritos e alguns objectos de uso do homenageado.

João de Deus não esquece mais!

O êxito alcançado por esta grandiosa exposição levada a efeito tão auspiciosamente pela direcção do museu que tem o nome do autor da *Cartilha Maternal*, foi consagrado pelo pedido de inúmeras pessoas para que tão admiráveis recordações do insigne poeta se mantivessem por mais tempo patentes ao público.

E, assim, vimos ali desfilar artistas, escritores, poetas, professores e alunos, altas individualidades e até a gente humilde do povo que tanto ama o poeta educador que o ensinou a ler e a sentir a poesia simples e suave como o ciciar da brisa.

Ali estiveram os estudantes de 1895 que organizaram a grandiosa apoteose ao Poeta, e que, um ano depois, o acompanharam á campa, nessa dolorosa romagem de saüdade pelos que deixam a vida, tendo-a servido com amor e abnegação.

João de Deus prometeu dar notícias suas, mesmo do Além-Túmulo, tão grande era ternura que nos dedicava... Não se esqueçam da sua quadra de agradecimento aos estudantes que o homenageavam ha quarenta e dois anos:

Que vindes cá fazer, ó Mocidade?
Despedir-vos de mim?... Quanto vos devo!
Também levo de vós muita saüdade!
E em lá chegando á outra vida... escrevo.

Ao visitar esta exposição, ao admirar as obras de João de Deus, ao contemplar todas essas recordações tão gratas, tinhamos a impressão de estar abrindo cartas que João de Deus nos enviasse...

O culto de João de Deus impõe-se por que nos dulcifica a alma e purifica o espírito. É o poeta da bondade, da pureza e da ternura. Evocar a dôce memória de João de Deus é ter, por momentos, a alma em estado de graça.

Ao contrário de tantos escritores, tão enfatuados como balofos, que do alto da sua prosápia de pés de barro, não como a estatua de Nabucodonosor, mas como os fogareiros da porta das tabernas, declaram escrever apenas para os intelectuais, João Deus escreveu para os humildes, para os analfabetos, sentindo-se muito satisfeito com os seus leitores. Com a sua *Cartilha Maternal* evitou um maior número dêsses *intelectuais* que falam sôbre tudo sem conhecer coisa alguma, porque os ensinou a ler.

Um aspecto da Exposição

O AMOR FALSIFICADO

A mania da falsificação é aquela que a humanidade tem mais inveterada e à que menos pode resistir, por mais exortações que receba da sua própria consciência e por maiores castigos que tenha expiado, por deslizes anteriores.

Não há dizer que o exemplo sirva aqui de alguma utilidade, nem o ditado popular "Se vires as barbas do visinho a arder, põe as tuas de môlho», merece atenção demorada e profícua.

E agora menos do que dantes, porque a matéria prima que serviu para o confeccionar — a barba — desapareceu e até qualquer outro pelinho dos rostos masculinos.

Será por isto que o carácter está em crise? A "gilette» não levará consigo brio e honra, quando escanhôa uma cara?

Não pode ser. Esta crise é de todos os tempos e até as mulheres, que não se barbeiam, dela sofrem também.

Mas continuemos com as falsificações, que não se atiram só aos géneros alimentícios, ao dinheiro e a tôda a dispensa da vida material.

O sentimento também se adultera e falsifica, com um descaramento atroz.

O amor é de todos os pruridos de alma o mais contrafeito.

Chega a não fazer-se sentir, nem fraco, nem forte, nem em simples amostra, depressa consumida, como êsses rèclamos de qualquer creme ou pó de arroz.

Há almas absolutamente estéreis, onde não vinga a mais pequenina semente de ternura.

Almas sáfaras, ásperas, sêcas, como qualquer charneca queimada por estiagem eterna.

■

Mulheres existem que nunca souberam o gôsto de uma carícia, porque fingiram sempre, quando a davam ou recebiam.

Para estas só há na vida a alegria da fulguração duma jóia ou do tilintar duma moeda.

O seu deslumbramento não vai além dum vestido rico ou das almofadas fofas dum automóvel de boa marca.

São como se andassem cegas, de olhos abertos voltados para o céu, sem se encandearem com o brilho intenso do sol, e sem escolherem a luz suave duma estrêla, que em noites de luar as ajude a sonhar delícias futuras.

Fazem dó, por serem tão falhas de espírito, e merecem castigo, por iludirem a lei mais poderosa que rege o mundo, e a única que pode trazer às almas a paz e o júbilo — a lei do amor.

Quanto não vale um coração sincero ao pé do nosso, um coração que envelheça a nosso lado sempre pulsando com o mesmo afecto, embora marcado por um rítmo mais brando e compassado.

Tristes dos que envelhecem rodeados dos vãos confortos da vida, dos gosos fictícios duma existência mentirosa, que nunca sentiram bater mais apressado o coração, ao aproximar-se, ao pressentir-se até, o ente amado.

Estas criaturas só conheceram da vida a moldura mais ou menos dourada, mas nem suspeitam como o quadro é lindo, quando as tintas saem da paleta dum amor mútuo e duradouro.

■

Por esta ambição de certas mulheres, que só pensam em luxo e prazeres terrenos, é que aparecem, de vez em quando, homens que sem eira nem beira se fingem milionários.

Êles sabem muito bem que a dama dos seus sonhos não lhes aceitará a côrte, se souber que é pobre. E decerto que se tiverem tanto espírito como engenho inventivo as despresarão no fundo, porque estas mulheres que se vendem para aumentar o seu confôrto material são mais dignas de repulsa, do que aquêles que se vêem obrigados a vigarizá-las para as conquistar.

E há quem desdenhe das pobrezitas que fazem o comércio do amor, por um mau destino e para angariarem o naco de pão e a tijela de caldo de cada dia!

Como se as outras valessem mais, porque andam de carro e luzem peliças caras...

É mesmo para essas que José Duro escreveu as suas quadras *Bacchantes*, das quais dou para exemplo a menos cruel:

O vosso ar ilude, o vosso busto chama,
Escandalosamente, o vosso todo atrai.
Porém, a sedução a breve trecho cai,
Porque lhe falta a graça ingénua de quem ama.

Nenhuma destas mulheres compreenderia a aspiração de Teixeira de Pascoais, nos seus *Cânticos:*

Se eu pudesse exprimir tudo o que sinto
Por ti, meu louco amor? Ah! se eu pudera
Dar, num verso imortal, o teu perfil
Pintado a luz no escuro da memória,
Onde as velhas lembranças aparecem,
Lutando contra a morte? Ah! se eu pudera
Dizer o que és, diante dos meus olhos?
Tudo o que a tua imagem me revela
De luz amanhecida além da luz...
.....

Também que vergonha a delas — se é que têm vergonha — quando se sabe publicamente que foram ludibriadas e que o seu arremedo amoroso não lhes trouxe os proventos que ambicionavam, e muitas vezes lhes desfalcou os haveres já obtidos.

Era bem feito que as burladas por êste processo e por êste motivo — a cubiça e não o amor — fôssem castigadas a par do burlão.

■

Quem escreve êstes comentários pode falar de cabeça levantada, porque, tendo vivido num meio onde o amor mais se falsifica — o teatro — nunca vendeu um carinho, nem foi seduzida por estendais de luxo e de confôrto.

Os prazeres do coração tiveram sempre para mim mais valor do que as exteriorizações da opulência vasia de afecto.

E digo isto, para prevenir qualquer àparte malicioso.

Até hoje nunca fui desmentida em nada que tenha escrito, em livros e jornais, porque só tenho dito a verdade.

Não caluniei ninguém, em nenhuma das minhas modalidades literárias, e nem mesmo fui veículo de calúnias.

Para que conste.

■

Estes burlões que se dedicam a intrujar as ambiciosas, as interesseiras, que no dizer do povo "não dão ponto sem nó», são os vingadores dos pobres amorosos sem vintém, que estuantes de paixão só de longe fruem o prazer da vista da mulher sonhada.

E elas, as que só se rendem na presença dum cheque, põem em relêvo a mulher simples, despretenciosa, que só ambiciona um lar tranqüilo, onde se côma a sopa pobrezinha ganha por um trabalho probo e sem mácula.

As vaidades dêste planeta tão malfadado nada são perante a calma existência dum parzinho sincero que muito se ama, que reparte alegrias e tristezas, com entusiasmo, se ri, e com resignação, se as lágrimas vêm embaciar seus olhos, sem que o amor verdadeiro, o amor despido de cupidez e de interêsse, deixe de ser a bandeira sempre saudada.

Mercedes Blasco.

PÁGINAS FEMININAS

Os sentimentos variam segundo as épocas e as relações de famílias e de amizade modificam-se continuamente. A maneira de nos tratarmos, quer em família, quer em sociedade tem-se modificado duma maneira extraordinária nestes últimos anos.

A cerimónia, e quasi iamos a dizer o respeito, têm sido banidas da vida moderna. Em sociedade os homens e os rapazes tratam as senhoras e as meninas com um à vontade, uma sem-cerimónia, que às vezes é chocante, porque toca as raias da má educação e ultrapassa os limites da conveniência.

Portugal foi um dos países que mais tempo conservou as formas de tratamento cerimonioso. Os espanhois diziam sempre de nós: «Son Uds, muy formales», as excelências eram desbaratadas e até em família de filhos para pais era usada êsse tratamento tão cerimonioso.

Era talvez demasiado, mas em compensação hoje, caimos no excesso contrário, e temos talvez que lamentar o excessivo tratamento de Vossa Excelência, ao ver o abuso de vocês, que agora se adoptou no tratamento entre portugueses.

Tudo neste mundo tem de ser equilibrado, tudo tem meio termo, porque parecendo pequenos detalhes e coisas sem importância, tudo influi numa época e de aí o desequilíbrio que se nota.

Em sociedade prefiro o Vossa Excelência ao você, que nos cria, bem contra vontade, muitas vezes, um grau de intimidade com pessoas, com quem não desejamos de modo algum estreitar relações.

Em família o antigo tratamento de Excelência era exagerado, criava uma atmosfera de cerimónia, que impedia a intimidade, tão doce no lar, onde todos convivem num roçar quotidiano. Mas em certas famílias o tu, terno e carinhoso, resulta às vezes um pouco nocivo ao respeito e à consideração.

Os filhos perdem a noção do respeito devido aos pais, os pais esquecem que não são os camaradas dos filhos, mas sim os seus conselheiros, aqueles que os devem guiar na vida, nunca um pai deve perder a autoridade sôbre o seu filho.

Entre filhas e mãis há sempre um maior entendimento, uma mais completa união, mas também é preciso que as filhas sempre se aconselhem com suas mãis, em todos os passos da sua vida, mas as mãis devem sempre lembrar-se que são mãis e devem aconselhar as suas filhas não como amigas, mas como guias que Deus nos dá desde que ao mundo viemos.

Logo que uma rapariga livre, sente bater o seu coração ao chamamento do amor, que melhor confidente, que melhor guia pode ter, do que aquela, que lhe deu o ser, para fazer a escolha do companheiro de tôda a sua vida?

A mãi com o seu instinto de protecção saberá melhor que ninguém vêr se aquele que é o homem que poderá fazer sua filha feliz, sendo o marido que a acompanhará nas horas boas e nas horas más.

Essa intimidade entre mãi e filha é indispensável porque é uma garantia, mas a filha deverá vêr a sua mãi não como outra mulher a quem faz confidências, mas sim como a guia dos seus actos a quem deve respeito e a mãi nunca deve esquecer que tem de exigir êsse respeito.

Se por infelicidade — a vida é tão cheia delas — a filha não encontra a felicidade sonhada e se sente tentada a procurá-la fora do caminho direito, do caminho da honra, se quer resistir, se quer encontrar no apoio moral de sua mãi a fôrça para a resistência é natural que lhe abra a sua alma.

O que é inadmissível é que uma filha faça à sua mãi, a confidência dos seus desvarios e que essa mãi não compreenda a sublime missão de que Deus a investiu e aceite certas confidências e possa ser cúmplice de acções, que rebaixam por completo uma mulher.

A mulher moderna, com a mania da juventude e da camaradagem com as filhas tem perdido por completo a noção das suas responsabilidades e dos deveres que tem de cumprir, custe o que custar.

A mãi nunca pode nem deve acompanhar a sua filha naquilo que a rebaixa e a torna indigna. E se com a intimidade desaparece o respeito, e a amizade entre mãi e filha não obedece ao respeito então voltaremos às excelências de tempos idos, que afastavam as filhas das mãis, mas não as tornavam cumplice dos seus desvarios.

É preferível a feia cerimónia, à intimidade que põe de lado o respeito e que desmoraliza a sociedade. Ser mãi é muito difícil, porque traz profundas responsabilidades e não é só amar as filhas é preciso defendê-las contra os perigos, que as cercam e aconselhar-lhes a resignação cristã e o respeito de si próprias, se a felicidade as não bafeja e nunca procurar fazê-las felizes calcando a honra e a dignidade.

Maria de Eça.

A moda

Nas mudanças de estação a moda trás-nos em geral modificações na *toilette;* em todo o caso a linha geral vai pouco a pouco adaptando-se aos novos modêlos e ainda bem que assim é, porque de outra forma seria necessário em cada estação reformar por completo o guarda-roupa, o que traria vantagens para o desemprego, e falta de trabalho de aqueles, que dedicam a sua actividade às indústrias, em relação com a moda, mas seria péssimo para o orçamento familiar, principalmente nas famílias em que há várias senhoras que vestem da mesma bolsa.

A mulher rica tem obrigação de comprar as últimas modas e tudo o que se relaciona com a sua *toilette* porque favorece assim as variadíssimas indústrias, que se teem formado em volta da moda, mas quando não há fortuna, ao bom senso e critério da mulher, compete o economisar vestindo bem e com graça sem contudo dispender mais do que o que pode fazer sem sacrifício do seu orçamento.

Com a primavera aparecem os primeiros vestidos ligeiros, que tornam a mulher jóvem e graciosa, livre dos abafos que lhe engrossavam a *silhouette*, mas nestes primeiros vestidos há ainda a nota dum ligeiro agasalho.

Por exemplo no gracioso vestido que nos apresenta Una Merkel, a gentil artista da Metro-Goldwyn-Mayer, vemos sôbre um vestido em lã marocain preto, uma barra em raposa cinzenta. Muito simples e gracioso, tem êste vestido a nota primaveril nas mangas, que são muito originais e terminam no cotovelo.

Um pequeno e gracioso chapéu em setim «ciré» completa o conjunto assim como os sapatos em camurça e polimento. É uma bonita *toilette* que pode ser feita para a Semana Santa em que as senhoras vestem sempre de preto. Para simples e prático temos um tailleur género clássico usado por Gladys Swarhout, da Paramount. Este *tailleur* tem originalidade por ter a saia em fazenda de lã cinzenta escura e casaco em mescla do mesmo tom, o que o aproxima das *toilettes* masculinas agora tanto em voga, das calças cinzentas e o casaco de mescla. Um bonito lenço em côres variadas forma o peitilho e alegra a *toilette*. Sapatos em polimento preto e chapéu género «Aéres» em camurça preta.

Mas com a primavera começam também as excursões em em automóvel, as viagens em caminho de ferro, e, torna-se indispensável, um casaco confortável e que abrigue. O casaco que agasalha Cecilia Parker uma das mais interessantes vedetas da Metro-Goldwym-Mayer, tem tôdas as condições de simplicidade, elegância e confôrto, que podem ser exigidas a um casaco de abafo e de confôrto. Uma fazenda leve e confortavel em quadrados de côres esbatidas, mas bastante forte tornam êste casaco indispensável em viagem ou excursão. Chapéu em feltro.

Lorna Lowe a fascinante artista da Metro-Goldwyn-Mayer, apresenta-nos para a noite, uma linda *toilette* em veludo preto, duma grande simplicidade. Prolonga-se a saia numa longa cauda, que contribue para acentuar a esbelta figura da elegante artista.

Como guarnição apenas dois *clips* em pedras duma forma original. A simplicidade está muito em voga mesmo nos vestidos de noite e até nos penteados, que é um dos mais modernos, o que aqui apresenta Lorna Lowe.

Depois do delírio dos caracóis, é bem natural que se use o cabelo todo para trás num simples penteado. É a variedade que encanta sempre a mulher ávida de modificações.

O fumo

Cada vez se enraiza mais na vida da mulher o hábito do fumo, e, a mulher que fuma ignora na sua maioria, o mal que pode fazer a si própria e aos seus filhos, com êsse hábito que adquire, em geral, por snobismo.

Um médico americano o Dr. L. Barber assegura, que sessenta por cento das crianças nascidas de mãis, que fumam, morrem antes dos dois anos. Eram já bastantes as causas da mortalidade infantil, para que se aumentem com um uso de elegância discutível, quando se trata do abuso do tabaco.

Antigamente não havia êste hábito do fumo, e as nossas avós, quando muito, cheiravam o rapé, o que tão ridicularisado foi. E hoje a mulher que fuma não tem o direito de esboçar o mais ligeiro gesto de troça, à que cheirava o tabaco em vez de o fumar.

Este abuso do tabaco acabará no dia em que a mulher se convença do mal que faz, à sua beleza e sobretudo não quererá ser a assassina daqueles a quem deu o ser e que são a vida da sua alma e do seu coração.

O andar só

Antigamente nenhuma menina saía só e mesmo as senhoras, só raramente e por absoluta necessidade o faziam. Hoje a rapariga começa bem cedo a andar só. E não é mau êste hábito, se a educação o acompanha dos seus conselhos ajuizados. Uma rapariga séria, com uma educação de perfeita moralidade, têm nêste século de vida rápida e agitada, de saber conduzir-se na vida, sem necessitar de companhia para tratar do mais insignificante assunto da vida. O sentimento da independencia e da responsabilidade é o melhor meio de defeza para uma mulher e êsse sentimento só se adquire pelo hábito de tratar de todos os assuntos, que são compatíveis com a sua situação.

A rapariga de hoje deve ser guiada e amparada, mas deve ter a liberdade de movimento e o desembaraço preciso e exigido pela vida moderna. Deve ter a consciencia dos seus deveres, mas não deve ser um ente inutil e paralisado pela falta de energia, que não sabe dar um passo na vida sem a companhia dos seus maiores.

Higiene e beleza

As nossas elegantes num delírio de aproveitar as últimas neves, a neve entre nós dura pouco, resolvem partir para a Serra da Estrela, a aproveitar os últimos dias em que há facilidade de fazer «ski», mas o ar da serra ataca, como o da beira-mar, as epidermes delicadas e é preciso tratá-las e preservá-las das reverberações do sol na neve, que queima tão dolorosamente, como o sol da beira-mar. Uma otima e simples receita. Derreter a banho maria um pouco de gordura de porco sem sal, arrefecê-la batendo-a com um garfo à noite untar a cara tôda e cobri-la com um gaze. De manhã ensaboar com um sabonete fino, e a frescura da pele esta salva.

No caso do sol estar forte e queimar, eis a receita duma pomada que tira todo o ardor.

Vaselina 10 gramas, Gordura de porco 5 gramas, Solução aquosa de Bromidrato de quinino a 1/15 15 gramas, aplicar logo aos primeiros sintomas de queimadura E assim à volta da excursão a pele conserva a frescura que tinha ao partir.

Receitas de cozinha

Pasteis de camarão: Coze-se o camarão com casca e passa-se na peneira grossa, depois de o ter pizado no almofariz. Aproveita-se a massa para o misturar com miolo de pão, embebido em leite, gemas de ovos, manteiga boa, sal, pimenta, e noz moscada.

Juntam-se alguns camarões grandes descascados (poucos porém) e queijo ralado. Deita-se êste crème numas forminhas de lata altas, próprias para empadas, depois de as untar com manteiga.

Põe-se no forno, a cozer em banho-maria. Desenformam-se com cuidado na hora de servir e deita-se-lhes por cima molho de tomate ou crème.

Sopa de cevadinha: Com a antecedencia de meio-dia, pouco mais ou menos, põe-se de molho a cevadinha; passado êste tempo tira-se da água, branqueia-se e em seguida põe-se a cozer em caldo de carne. Póde deitar-se chouriço, presunto e cenoura ralada, gastando dêstes temperos, que não são absolutamente necessários.

De mulher para mulher

Mãi angustiada: Há transigencias que uma mãi não póde de maneira nenhuma ter com uma filha, dê os seus bons conselhos à sua pobre filha, mas não ceda nunca na atitude que tomou e que só a honra. Há deveres a que uma mulher não póde faltar e nunca uma mãi póde sancionar essa falta, que póde evitar talvês com a sua intransigência e caso contrário poderá ter tão graves conseqüencias para os seus netinhos.

Borboleta branca: Mas chega a ser mania essa vocação para estrela de cinema que tôdas as raparigas imaginam ter e, que não passa a maior parte das vezes uma fantasia. As artistas de cinema trabalham muito e sujeitam-se a duras provas, não pense que é uma vida de prazer. E se lhe disseram que não é fotogénica, para que quere teimar?

Marieta: Usa-se sempre o «tailleur» e têm muita razão em o escolher, não há «toilette» mais cómoda para a primavera e até para o verão. É uma idéia muito prática e há muitas senhoras em Inglaterra que tiram um bom rendimento da cultura de flores.

Bébé: — Parece-me uma bébé um pouco grande para ser tão teimosa. Aceite os conselhos de sua mãi e creia que ela tem razão apesar de dizer, que está na moda, uma rapariga leviana é sempre mal vista, creia que se arrependerá se não ouvir a sua melhor amiga que só deseja o seu bem.

Opiniões dum poeta

Rabindranath Tagore o grande poeta indiano diz que a mulher é indispensável ao homem, como a principal inspiradora das suas actividades mentais, emocionais e espirituais.

Essa afirmação demonstra-nos que o grande poeta considera a mulher como um complemento do homem e não uma sua competidora.

Diz-nos Tagore: «Ela possue uma missão na vida que não pode ser considerada exactamente como capaz de a tornar competidora do homem, mas sim sua cooperadora.

Se a mulher tivesse as mesmas funções a preencher na vida, que as do outro sexo, a vida nada mais seria de que um aborrecimento, duma tal aridez que a humanidade a não toleraria.

O homem pode ser comparado á arvore que cresce de expansão, de espaço de ar livre. Se as suas raizes forem arrancadas, não poderá sobreviver á dôr.

A mulher porém é a planta trepadeira, que procura desenvolver-se, agarrando-se á arvore e sómente poderá florescer agarrando-se á arvore». São opiniões um pouco atrazadas talvez, mas que devem ser meditadas.

Pensamentos

A malquerença faz timbre em ser estúpida quando não póde ser feroz. — *Camilo Castelo Branco.*

A caridade é uma virtude que não desacompanha jámais suas duas irmãs: a fé que dá o ánimo, e a esperança, que alenta o coração. — *Almeida Garrett.*

A dissimulação, aos olhos da experiência, não passa de ser o véo ainda assim demasiado transparente, por detraz do qual se pretendem ocultar os vícios. — *Arnaldo Gama.*

Pode-se ser filósofo no fundo de um gabinete, mas na presença de uma tempestade, não, respondeu um dia Volney, vendo-se em iminente perigo no mar. — *Conselheiro Bestos.*

O JAPÃO E A ARTE

Não há país mais interessante, no Extremo Oriente do que o Japão o «Dai Nippon» — país do Sol Nascente. Essas ilhas cobertas hoje de cidades novas que evocam a Europa, e, mais ainda a América do Norte povoadas por uma gente extranha, duma delicadeza sem igual, sempre com um sorriso que pede desculpa, mas duma firmeza de caracter que leva o que deu um passo grave na vida, a abrir o ventre com o o «yergatan» castigando-se a si próprio, se êsse passo é errado, gente duma inteligência e vivacidade que os leva a assimilar a civilisação europeia, mas sem nunca perder a sua própria, que os torna tão interessantes; é sem dúvida um dos países que atrai mais simpatia e atenção.

O povo japonês é muito diferente do povo chinês, como muito diferente é a paisagem japonesa da païsagem chinesa. O chinês é sujo, as populações chinesas deixam nos bairros que habitam no Oriente ou na América a marca da sua passagem pela sujidade de que embebem as coisas. O japonês é limpo, é cuidado. A China é grandiosa, o Japão é alindado.

Nas povoações antigas é encantador vêr essas cazinhas de madeira e papel tão frágeis mas tão graciosas, com os seus jardinzinhos minúsculos, semeados de arvorezinhas anãs, enfeitados com pontezinhas liliputianas, que só crianças podem atravessar.

O japonês lava-se e na multidão dêsse país não se sente o cheiro nauseabundo, que torna impossível no europeu, uma longa estada entre a multidão chinesa.

O Japão é um país muito gracioso e muito graciosa é a japonesa, essa bonequinha esmaltada, pintada desde as unhas dos pés, até aos seus cabelos negros de azeviche, pintada como qualquer europeia de hoje em dia.

Graciosa e delicada é sempre sorridente e tem o encanto das coisas frágeis e misteriosas, o que será a alma dessa boneca de olhos em amendoa, de faces côr de rosa e de unhas de ouro? É difícil dizê-lo.

O japonês hoje em dia viaja muito, espalha-se pelo mundo e pode dizer-se que vive em tôda a parte.

Em Paris ha imensos estudantes japoneses e em Montparnasse, pode dizer-se que pululam os artistas japoneses, alguns de reputação mundial como o celebre Fugita.

Mas é para notar que o artista oriental, por muito que assimile a arte europeia, vê sempre as coisas debaixo do seu ponto de vista oriental que lhe dá sempre a originalidade e a nota exática.

Não é pois para admirar o grande sucesso que teve em Paris a exposição de gravuras japonesas no «Pavillon de Marsan».

Esta exposição foi organisada, por iniciativa da Sociedade de pintores e gravadores de Toquio, de acôrdo com o Museu das Artes Decorativas de Paris.

O seu intuito foi demonstrar a evolução da gravura japonesa desde o momento da introdução das teorias europeias sôbre perspectiva, que substituiram a teoria chinesa.

O senhor Okada, presidente desta sociedade, conseguiu organisar com a colaboração, dos artistas do seu grupo e o auxílio dos coleccionadores, uma retrospetiva em que se vêm as primeiras tentativas dalguns grandes gravadores, para desenhar, segundo as leis do Ocidente.

Uma das coisas interessantes dessa exposição era ver as obras de alguns artistas como Kyotehika, artistas já falecidos, que mostravam como a técnica, na era de Meijé, tinha evolucionado com a païsagem.

Nunca coisas tinham sido assim vistas no Japão e ambas tanto a païsagem como a scenica estavam modernizadas.

Um dos cuidados dos organizadores da exposição, foi mostrar como em Nagasaki se viam os estrangeiros, com um senso de «humour» caricatural.

Essas gravuras que representavam o americano com o seu guarda-chuva, o russo coberto de peles, oficiais de marinha franceses, ingleses com capacetes, fizeram as delícias dum povo apaixonado por estampas, e, que ignorava por completo os especimens da raça branca.

E' para notar entre tôdas, essa gravura que representa duas senhoras portuguesas, graciosas nos seus vestidos de balão e vistas por olhos orientais. Essa gravura mostra a nossa expansão pelo Oriente e como no Japão desde o desembarque de missionários portugueses, houve sempre gente lusa. O que caracterizou essa exposição foi a novidade.

Gravadores de primeira ordem como Kiyochita e Gayo apareceram pela primeira vez na Europa e foi delicioso ver como os gravadores de hoje aproveitaram as suas lições a-pesar-de terem sido discípulos de Millard, Matisse e Braque.

E' positivamente a evolução duma arte que começa em Kiroshigué e que acaba em Montparnasse. Duzentos e cinqüenta anos em círculo fechado deram às últimas três gerações, que foram autorizadas a aproveitar a influência estrangeira a mesma impenetrabilidade quási absoluta, que torna as suas produções tão originais e tão japonesas.

E é para notar que as qualidades de estudo sério e consciencioso da natureza nada sofre com a coincidência das duas técnicas, a antiga técnica japonesa e a técnica europeia.

Não há faltas de gôsto, nem faltas de método e é isso que torna explêndidas as realizações obtidas pelos mestres do período de Tokugana. Nada denota na maneira de ver do Japão moderno, uma revolução radical e profunda.

O japonês é sempre o mesmo artista e as gravuras de hoje não ficam mal ao lado dos antigos «kakemonos», essas pinceladas ligeiras a aguarela, tão típicas e tão deles, que guarnecem com tanta graça as suas leves casinhas de madeira e papel.

E é tanto assim que pudemos constatar na exposição do «pavillon» de Marsan que um amudança tão radical como a que foi realizada pelos homens de Meiji não impede os artistas de amar como no passado, a natureza e as coisas belas, e, adaptar a êsse sentimento sincero, tôdas as técnicas, que o Ocidente lhes emprestava, não para o copiar, mas para encontrar, graças a êle, novas maneiras de exprimir a sua paixão pela Arte e o seu amor pelo que é Belo.

Japonesa em trajo de verão

Uma das gravuras de Kounyoshi Outagawa, representa a cascata de Seknison, feita em 1830 tem ainda a ingenuidade perfeita japonesa. Os personagens que aproveitam a cascata para se banhar, costume êsse tão japonês, do banho ao ar livre, sem a mais leve sombra de pudor e que tanto impressiona o europeu, são as personagens dos mais antigos «kakemonos», êsses homenzinhos e essas mulheres, figurinhas de olhos em amêndoa, que empunham sempre a lanterna em papel e que tão graciosas se apresentam no seu aspecto ingénuo e simples.

Já a gravura que representa as duas senhoras portuguesas, datada de 1861, mostra uma diferente maneira, ainda, que na observação meticulosa dos detalhes, se reconheça bem a maneira oriental e a minuciosidade, tão característica do oriental.

Ladahide Outagawa tem já uma maneira de fazer, bem diferente das primitivas japonesas, no entanto está ainda bem próximo a êles pelos detalhes e pela forma.

Em Gayo Hashigontehi, o artista do nosso tempo, falecido em 1921, já temos uma forma bem diferente, aluno laureado da Escola de Belas Artes de Paris, êle não perdeu o seu orientalismo, a sua mulher em trajo de verão, é uma das infinitas japonesas, que ilustram «kakemonos» que decoram as casas de Nagasaki, Tóquio ou Kobe, mas há nela já, uma grande diferença, no modelado do rosto, na forma dos olhos, na leveza dos cabelos, nós sentimos nessa mulher tão oriental, uma graça que marca a técnica europeia assim como na transparência e na leveza do tecido do seu vestido se nota a influência da escola francesa.

Maria de Eça.

NOTICIAS DA QUINZENA

Ante os rigores da invernia, confrangem-se as almas generosas. A Comissão Executiva da Campanha de Auxílio aos Pobres de Inverno, constituída pelos srs. coronel Linhares de Lima, cónego dr. Carneiro de Mesquita e major Santos Pedroso, fez reünir numa das salas do edifício da Câmara Municipal algumas dezenas de senhoras para quem apelou, pedindo a sua valiosa colaboração para um próximo peditório em todo o País. *A' direita:* o sr. dr. Carneiro de Mesquita pronunciando o seu discurso. *A' esquerda:* a esposa do Chefe de Estado e sua filha, assistindo à reünião

Na Faculdade de Ciências foi comemorado com uma sessão solene o 1.º centenário do eminente cientista Roberto Duarte Silva. A nossa gravura apresenta um aspecto da sessão no momento em que o prof. Charles Lepierre lia o seu discurso. A Sociedade de Química e Física do Porto associou-se à homenagem. *A' direita* vê-se um trecho da assistência à conferência que o nosso colega na Imprensa, Luiz Lupi, realizou na Sociedade de Geografia sôbre «A Inglaterra no Passado e no Presente»

A ilustre escritora colonialista sr.ª D. Amália Proença Norte realizou na Sociedade de Geografia a sua segunda conferência sôbre «Os grandes valores de Portugal», tendo sido muito aplaudida. A nossa gravura apresenta a conferente com as entidades oficiais. *A' direita:* O juramento de escoteiros no Parque das Necessidades. A nossa gravura apresenta um aspecto da cerimónia perante as figuras mais representativas do escotismo português

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 78

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.ª ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré; Adágios, de António Delicado; Dicionário de Máximas, Adágios e Provérbios, de Jaime Rebêlo Espanha; e Dicionário de Sinónimos, de J. S. Bandeira.

IMPRENSA

A Charada — de Lisboa. — Acaba de ser dado à estampa o n.º 10 dêste esplêndido jornal de propaganda e cultura charadista, superiormente dirigido pelo confrade Manuel Portugal Mendes — «Mirones» —.

Além de variada e óptima colaboração da especialidade, fotografias de charadistas contemplados em torneios, resultados de campeonatos, indicações úteis, cantinho àparte e diversos insere, em fundo, um belo artigo saído da pena do abalizado edipista «Ordisi», flagrante de oportunidade, a propósito do saüdoso «Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro».

APURAMENTOS

N.º 69

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

BRAZ CADUNHA
N.º 9

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

HORDASIL
N.º 11

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 12, Efonsa

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 12 pontos

Alfa-Romeo, Frá-Diávolo, Cantente & C.ª, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Tan, Oldemiro Vaz, Pérola Negra, Rei Mora.

QUADRO DE MÉRITO

Ti-Beado, 11. — X 505, 11. — Capitão Terror, 11. — Salustiano, 11. — Rei Luso, 11. — Só-Na-Fer, 11. — Só Lemos, 11. — Sonhador, 9. — João Tavares Pereira, 9. — Dr. Sicascar (L. A. C.), 9. — Lamas & Silva, 9. — San-Fer, 8.

OUTROS DECIFRADORES

Elsa, 6. — D. Dina, 5. — Lisbon Syl, 5. — Aldeão, 4.

DECIFRAÇÕES

1 — Coma-madre-comadre. 2 — Rebo-botar-rebotar. 3 — Cola, bola, cala, copa, colo. 4 — Motete. 5 — Cercado. 6 — Foguista-fota. 7 — Lógica-loca. 8 — Viela (no meio da *vila* está (*é*). 9 — *Contumélias*. 10 — Falado. 11 — *Galana-gana*. 12 — A pobreza não é vergonha.

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) O *demónio* é capaz de *estimular* as almas para as *desviar* do bom caminho... (2-2) 3.

Lisboa — *Liliana*

2) É *a divisão* do *firmamento*. (2-2) 3.

Lisboa — *Zé da Burra*

NOVÍSSIMAS

3) Achei a *pedra preciosa de côr vermelha* do *príncipe*, mas não a pude entregar por encontrar um *obstáculo* que não pude transpôr. 2-1.

Luanda — *Dr. Sicascar*

4) Com muitas *dificuldades*, mas sem *mácula*, consegui arranjar um *tabuleiro de salina*. 1-2.

Luanda — *Ti-Beado*

5) *Aqui*, quem promove um *combate de galos* ganha uma *moeda de 500 reis, de prata*. 1-2.

Luanda — *Ti-Beado*

SINCOPADAS

6) Um homem *polido* é sempre bom *entendido* em charadas. 3-2.

Luanda — *Ti-Beado*

7) O *corsário* está sempre com a *piteira*. 3-2.

Luanda — *Ti-Beado*

8) *Cortejo rápido*. 3-2.

Lisboa — *Zé da Burra*

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMAS

9) Onde tem vivo no seio
Sofrimento amargurado,
Que lhe provoca o receio
De viver *desamparado*.

Coimbra — *José Tavares*

10) Só com duas letras,
Mas das invogais,
Um bonito *nariz*
No todo achais.

Luanda — *Ti-Beado*

LOGOGRIFO

(Ao Ex.mo Director, com os meus cumprimentos e pedido de publicação)

11) Pelas costas quem a visse,
No seu passo saltitante,
Talvez também a seguisse,
Sem parar um só instante,

Como eu fiz, na intenção
De logo me *insinuar* — 8-13-3-2-5
No seu terno coração...
Mas, oh horror de espantar!

A sonhada *divindade* — 6-7-8-2-12
Qual de *bode* o feio herdara! — 10-11-5-9-15
Imóvel eu, na verdade, — 11-1-15-3-15
Fiquei ao fitar-lhe a cara!

Era qual pássaro *implume*, — 12-7-4-14-15
Acabado de nascer...
Uma visão de negrume...
Nunca vi mais *porco* ser! — 9-10-11-9-15

TRABALHOS DESENHADOS

16) ENIGMA FIGURADO

LISBOA

BIBI
(ABEXINS)

Que decepção, Santo Deus!
Até me deu volta à «pinha»...
Deve ser dos camafeus
De todo o Mundo a rainha!...

Obrigado fui depois,
Para a dor *suavizar*, — 14-4-6-11-5
A beber um grogue, pois
Custou-me imenso a acalmar!

Meus amigos, eu vos juro
Que faço bela *tenção* — 1-13-6-3-13
De não pegar de futuro
Fêmeas de costas, ai não!

Julguem a mulher mais feia
Que possam imaginar...
Pois aquela em vez e meia
A pode *á suplantar!*...

Lisboa — *Alves Costa*

MEFISTOFÉLICA

12) Sem grande *dificuldade*
Vou fazer a portinhola,
Agora que estou de *folga*,
Para a minha *casinhola*. — (2-2) 3

Lisboa — *Moreninha*

NOVÍSSIMAS

13) *Elogia* o pobre Braz — 2
Tôda a mulher por que passa.
Além disso mais não faz,
E não ofende a chalaça

Da sua bôca inocente...
Mas sucedeu certa vez
Que um marido incandescente,
Achando o dito soez,

Foi-se ao Braz qual furacão,
Sem *pena* do desgraçado. — 1
Choveu sôco e cachação,
Que o deixaram escalavrado.

Custou-lhe essa brincadeira
Três semanas de hospital,
Fora as dores e a canseira
Dum tratamento infernal.

Diz o Braz: — De femeaço
Nada percebo, acredito...
Mas figura, porém, faço:
Em maridos sou *perito*...

Lisboa — *Rei Mistério*

SINCOPADAS

14) Cachopas que me escutais,
Acautelai-vos dos velhos...
São muito finos pardais
Quando fingem dar conselhos.

Ficam a perder de vista
Novos desta geração,
Ante os velhos, na conquista
Dalgum terno coração!

Vi há dias esta cena
Numa rua da cidade:
Ia atrás duma pequena
Jarreta de muita idade

Atirando madrigais...
A rapariga boceja...
Mas o ginja mais e mais
Com dichotes a dardeja!

A certa altura da rua,
A madama, empertigada,
Furiosa, se insinua,
Largando-lhe esta piada:

— Velho, teimoso, embirrento
E palerma, porque, em suma,
Sendo ginja cem por cento
Não tem mesmo *planta* (*) alguma. — 3-2

Lisboa — *Calaveras*

(*) *lubiaaa, medicinal.*

15) Já *que morreu* o prazer
De viver para te amar,
Fiel meu peito há-de ser
Até a morte chegar. — 3-2

Lisboa — *Moreninha*

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

Festas de caridade

JOGOS FLORAIS

A favor dos feridos do exército nacionalista espanhol, realizar-se-á ainda êste mez em uma das vastas salas de espectáculos da capital organizado por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, constituida por três das mais ilustres escritoras sr.as D. Ana de Lencastre Laboreiro Pedrilla, D. Madalena Trigueiros de Martel Patrício e D. Mécia Mousinho de Albuquerque, uns sensacionais «Jogos Florais», entre poetas e prosadores portuguezes e espanhois, os quais serão presididos por duas raínhas, representando as duas pátrias, sendo a portugueza a sr.ª D. Maria do Carmo Cabral da Câmara (Belmonte) e a espanhola a sr.ª D. Maria del Carmen Pareja Obregón, que se farão acompanhar das suas damas da côrte e pagens.

Os prémios dos «Jogos Florais» oferecidos por um grupo de senhoras da nossa primeira sociedade, serão constituidos por «Rosas de Ouro» os primeiros de «Rosas de Prata» os segundos, as de «ouro» são oferecidas pelas sr.as marqueza de La Vega de Anzo, e condessa de Monte Real e as de «prata» pelas sr.as D. Ana de Lencastre Laboreiro Pedrilla, condessa dos Arcos, condessa de Avilêz, condessa de Ficalho, condessa de San Paio, condessa de Vila Flor, duqueza de Palmela, D. Helena de Moura, D. Madalena Trigueiros de Martel Patricio e D. Mécia Mousinho de Albuquerque.

O juri qne presidirá à classificação dos trabalhos apresentados será constituido pelos srs. conselheiro Fernando de Souza, presidente, vogais, pela Espanha os srs. duque de Maura, e marquez de Quintanar e por Portugal, os srs. D. Alberto Bramão e dr. Afonso Lopes Vieira.

Pelo extraoadinário interêsse que esta festa de caridade está despertando é de prever que era previsto um enorme brilhantismo.

REVISTA POR AMADORES

Por todo o próximo mez de Maio, realizar-se-á em um dos nossos melhores teatros, uma récita de caridade, organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, à frente da qual figura o nome da sr.ª D. Maria Domingas de Souza Coutinho Rebelo da Silva, na qual será representada por um brilhante grupo de amadores não só da velha guarda, como novos, pertencentes à nossa primeira sociedade, uma revista em dois actos, escrita expressamente para êsse fim por um nóvel escritor, que pela primeira vez aborda êsse género, e musicada por inspirado compositor, muito conhecido no meio teatral, onde algumas suas obras tem obtido êxito.

NO SÃO LUÍS CINE

Revestiu extraordinário brilhantismo a festa de caridade, que na tarde de 3 do corrente, se realizou no «São Luís Cine» gentilmente cedido pela empreza A. Ramos, Limitada, festa organisada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, de que faziam parte D. Adelina Santos, D. Cecília Van-Zeller de Castro Pereira, Condessa de Sabugosa e de Murça, D. Eugénia de Sousa e Holstein Brandão de Melo, D. Izabel de Sampaio d'Orey, D. Judite de Sousa e Faro de Lancastre, D. Madalena Lopes de Brion, D. Maria da Assunção Vilar, D. Maria das Dôres Xara Brasil, D. Maria Inácia Vilardebó Chaves, D. Maria José Anjos Diniz Vilar, D. Maria de Lourdes da Costa Sousa de Macedo (Mesquitela), D. Maria Luiza Freire Torres, D. Maria Manuela Meireles, D. Maria do Pilar de Melo Aguiar, D. Maria Rita Vieira da Rocha, D. Maria Tereza de Castro Pereira Guimarães, D. Maria Tereza de Mendóça Cardoso e Marqueza de Pombal, cujo produto se destinava a favor da Escola Católica e Catequese da Freguezia de Santos-o-Velho, tendo o programa que constou da exibição de vários filmes, entre os quais figurou a película «Koenismark», da apresentação da brilhante artista brazileira Celita Bastos, creadora do papel de «canária» do fonofilme português «Bocage», que se fez ouvir em vários números do seu vasto reportório.

A comissão organizadora deve decerto ter ficado plenamente satisfeita com os resultados obtidos tanto financeiro, como mundano.

Casamentos

Na capela da Casa de Vale Dourado, na Beira Baixa, propriedade do sr. Conde de Penha Garcia, celebrou-se o casamento de sua gentil filha

VIDA ELEGANTE

D. Eugénia, com o sr. dr. João de Barros Ferreira da Fonseca, ilustre encarregado dos negócios de Portugal, na União Sul Africana, filho da sr.ª D. Alfreda de Barros Ferreira da Fonseca e do sr. dr. Joaquim Ferreira da Fonseca, já falecido, presidindo ao acto Sua Excelência Reverendíssima o senhor Bispo Auxiliar da Guarda D. José Augusto de Noronha, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, sendo acolitado durante a cerimónia pelo seu secretário e pelo paroco da freguesia, reverendo Américo Barata. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Terminada a ceremónia, durante a qual Monsenhor Barata, executou no orgão vários trechos de música sacra, foi servido no salão de mesa da elegante residência do Vale Dourado, um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas para a sua casa de S. Romão, onde foram passar a lua de mel, seguindo no paquete «General Artigas», para a a Madeira, onde embarcarão no paquete «Stirlin» para o cabo do Boa Esperança, onde o noivo vai retomar o seu logar.

— Celebrou-se na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.ª D. Maria Alice Nunes de Abreu e Lima, interessante filha da sr.ª D. Adelina Amélia Nunes de Abreu e Lima e do sr. Raul Bernardes de Abreu e Lima, com o sr. Manuel Afonso de Barros, filho da sr.ª D. Adelaide Ribeiro Afonso de Barros, já falecida e do sr. Afonso de Barros, tendo servido de madrinhas a mãi da noiva e a sr.ª D. Judite Soares Nunes e de padrinhos o pai da noiva e o sr. Jerónimo Carneiro.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência da tia da noiva, sr.ª D. Ofélia Fonseca, um finíssimo lanche, partindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de valiosas prendas, para o norte, onde foram passar a lua de mel.

— Para seu primo o sr. dr. Fernando Correia Santos, distinto advogado na Covilhã, filho da sr.ª D. Maria da Conceição Mateus Correia e do sr. António Luís dos Santos, foi pedida em casamento pela sr.ª D. Maria Evangelina Pereira Correia Marinho Falcão, esposa do coronel sr. Abel Marinho Falcão, a sr.ª D. Elsa Gomes de Sousa, gentil filha da sr.ª D. Maria Delmira Gomes de Sousa e do sr. Gaspar Gomes de Sousa.

— Presidido pelo prior de Belém, monsenhor Gonçalo Nogueira, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, celebrou-se na paroquial de Santa Isabel, o casamento da sr.ª D. Alda Baião Cortês Pinto, interessante filha da sr.ª D. Maria Augusta Baião Cortês Pinto e do sr. João Amílcar Cortês Pinto, com o sr. João António de Sousa Amorim filho da sr.ª D. Conceição de Sousa Amorim e do sr. António de Sousa Amorim, servindo de madrinhas as sr.as D. Zulmira Marçal Correia, e D. Virginia May Figueiredo Viana, representada pela sr.ª D. Maria Adelaide Beião Pinto Viana, irmã da noiva e de padrinhos os srs. José Augusto Simões Baião, e Carlos Augusto Correia Viana que se fez representar pelo sr. dr. Artur May Figueira cunhado da noiva.

Acabada a ceremónia os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas, seguiram para Silves, onde o noivo exerce como veterenário um logar de destaque.

— Na paroquial do Sacramento, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Izabel Moreira da Cunha, gentil filha da sr.ª D. Claudina Moreira da Cunha e do distinto pintor sr. Albino Cunha, com o distinto professor e escultor sr. Celestino Augusto Tocha, filho da sr.ª D. Gertrudes Laura Ferreira Tocha, e do sr. Rodrigo Augusto Tocha, já falecidos, servindo de madrinhas as sr.as D. Nita Mardel, e Carmen Marques Tocha, tia do noivo e de padrinhos os srs. Fernando Mardel e Cardoso Mata, presidindo ao acto o prior da freguesia, reverendo José Gonçalves de Carvalho, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

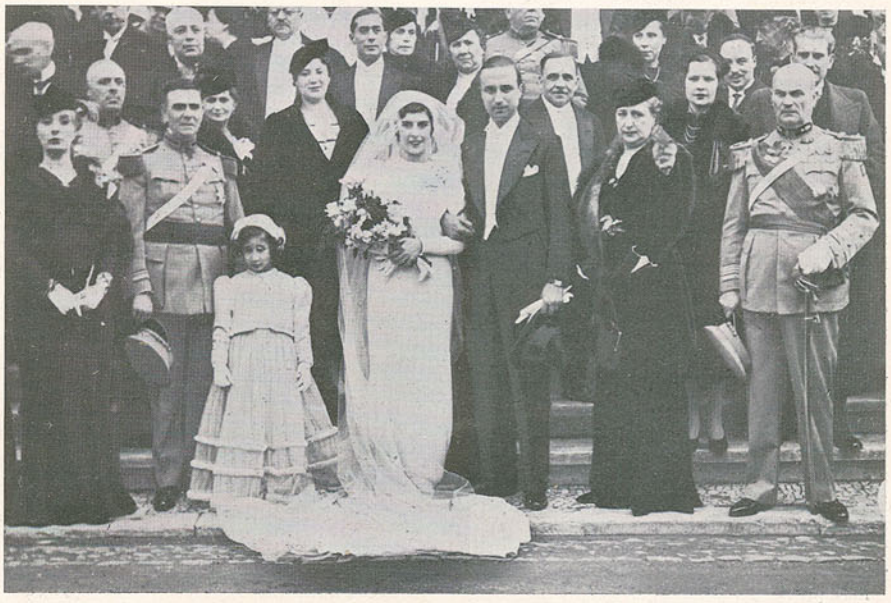
— Em Oeiras, realizou-se com grande solenidade, o casamento da sr.ª D. Ana Maria de Sousa Botelho de Matos e Noronha, com o capitão de cavalaria e professor de ensino técnico, sr. Abílio Pais de Ramos, servindo de madrinhas as sr.as D. Maria da Assunção de Sousa Botelho Nobre de Madeira, tia da noiva, D. Joana Lúcia Vilela Pais de Ramos, mãi do noivo, D. Alice de Almeida Pais de Ramos, D. Virgínia Pais Fortes e D. Octávia Pais Ramos Mendes, e de padrinhos os srs. capitão aviador Pais de Ramos e Dr. Agostinho Forte.

Finda a cerimónia os noivos seguiram para o norte, onde foram passar a lua de mel.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso a sr.ª Viscondessa de Alcochete. Mãi e filha estão felizmente bem.

— Teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Carolina Norton Cardoso de Meneses, espôsa do sr. João de Melo Breyner Cardoso de Meneses (Margaride). Mãi e filho estão de perfeita saúde.



A sr.ª D. Helena Margarida Garcia Morais Teixeira e o engenheiro sr. António Alfredo Sanches de Castro da Costa Macedo, por ocasião do seu casamento celebrado na paroquial dos Anjos — (Foto A. Campeão)

FIM DE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — 7,
Copas — 10, 8, 3.
Ouros — V. 9.
Paus — 3.

Espadas—R. D. V. 10. Copas — — — — Ouros — 10, 8. Paus — 4.

N
O E
S

Espadas — — — —
Copas — 9, 7, 6, 5, 4.
Ouros — 5.
Paus — 5.

Espadas — A. 4, 3, 2.
Copas — A.
Ouros — — — —.
Paus — A. 2.

Sem trunfo. *N* joga e faz 6 vasas.

(Solução do número anterior)

O joga a Dama de ouros, *N* o Az de ouros, *E* o 7 de ouros e *S* o 2 de paus, *N* joga 4 de paus e enforquilha os paus de *E*.

S joga as três cartas de paus, baldando-se *N* a 2 cartas de ouros.

S joga Az, Rei e 3 de espadas, cortando *N* o 3 de espadas com o 5 ou 9 de copas, conforme *O* cortar ou não o 3 de espadas.

N joga ouros que *S* corta.

S joga espadas que *N* corta.

N joga ouros, que *S* corta, jogando espadas cortadas por *N* com o Rei de copas.

As copas de *E* estão enforquilhadas.

Uma soma habilidosa

(Solução)

Cortam-se seis algarismos e deixam-se êstes:

— — 9
— — —
— 1 1 que

somam 20.

Uma arte perdida

É a arte da conversação. Há pessoas que exigem o silêncio nos seus lares. O que falta na maior parte dos lares não é o silêncio, é uma conversação interessante e agradável. Heine que definiu o silêncio «uma conversação com um inglês» apenas exagerou para melhor mostrar a verdade.

As relações humanas giram em tôrno da palavra e se o contacto com os nossos semelhantes é muitas vezes tão aborrecido, é porque os nossos contemporâneos não sabem falar. A faculdade de se exprimir bem, de dizer cousas interessantes é um dom tão precioso que nos devemos admirar de o vêr tão desprezado.

Fala se sempre da conversação como duma «arte perdida». Quanto mais depressa a tornar-mos a descobrir, melhor será para nós.

Mas precisamos, desde já, compreender que se trata duma arte e que para adquiri-la é necessário despensar-lhe cuidados e atenção.

Cinco anos a dormir

Uma rapariga italiana, de 27 anos, Noémia Boldrini, que vive no Brasil, há cinco anos que está a dormir, sem que por enquanto dê sinais de acordar.

Segundo diz seu pai, ela foi sempre extremamente religiosa desde a infância e, há cinco anos, voltou um dia da igreja, a chorar nervosamente e declarando que «êste mundo não era para ela».

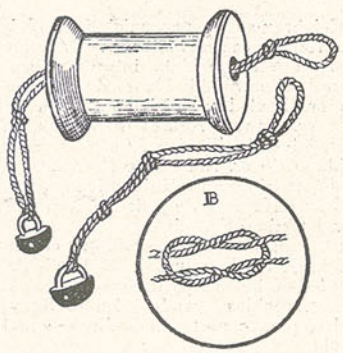
Passou os dias imediatos sempre chorando e em seguida, caiu num sono profundo, de aparente esgotamento. E ainda está dormindo.

A's vezes, entreabre os olhos e sorri levemente, apenas para recair em pesado sono. Nunca mais pronunciou uma palavra desde que adormeceu.

Numerosos médicos a teem examinado e declararam que ela está sofrendo de «psicopatia mística» ou desarranjo mental e corporal causado por emoção religiosa.

O carrinho preso

(Uma habilidade)



Tomem-se dois pedaços de cordel, duns 80 centímetros de comprimento, cada um, aproximadamente. Dobrem-se ao meio e dê-se-lhes uns nós, de espaço a espaço, com cêrca duns 8 centímetros de intervalo. Na extremidade de cada pedaço de cordel prenda-se um botão grande de sapato.

Enfie-se um dos pedaços de cordel pelo buraco dum carrinho de linhas conforme se vê na gravura, e juntem-se os dois cordéis com um nó corredio (B). O problema é soltar o carrinho, do cordel, e o segrêdo está no nó corredio, o qual, quando se aperta, não se distingue dos outros nós.

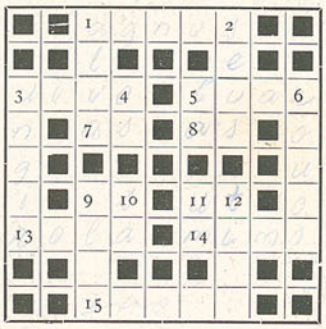
Hospital de peixes

Berlim possue um sanatório para peixes instalado num lago dos subúrbios da cidade.

Os doentes são colocados em celhas de madeira para serem tratados e possivelmente curados.

Palavras cruzadas

(Passatempo)



HORIZONTAIS

1 — Cordeiro (em latim). 3 — Grito de certas feras. 5 — Luz dum astro. 7 — Desinência átona da 2.ª pessoa do singular do ind. pres. dos verbos em «ar» e do conj. doutros. 8. — Antiga moeda romana de cobre. 9 — Artigo def. plur. 11 — Nota musical (francês) 13 — Ave columbiforme. 14 — Trato carinhoso. 15 — Nome dum santo cognominado «o grande» e um dos fundadores da vida monástica.

VERTICAIS

1 — Primeiro alvôr da manhã. 2 — Pronome possessivo. 3 — Aplicar óleos consagrados. 4 — Artigo. 5 — Advérbio de lugar. 6 — Ter som cavo. 9 — Género de poesia provençal. 10 — Apelido. 11 — Artigo. 12 — Povoação da Itália.

O fim do mundo

Eis uma questão que é sempre de actualidade, assim se pode dizer.

Se tivessem sido dignos de crédito certos interpretadores dos mistérios da Grande Pirâmide, o fim do mundo estava previsto para os meiados de setembro de 1936. Tudo, porém, veiu desmentir êsse prognóstico.

Mas agora, novamente, um americano nos avisa de que o fim do mundo se dará «aproximadamente» em 2·072.

Se os seus cálculos não falharem, quer dizer que durante século e meio, se poderá viver tranquilo a êsse respeito

— A senhora não esperou pelo sinal para poder seguir!
— Bem sei; mas é que essa luz vêrde faz-me sempre um parecer tão mau!

(Do «The Happy Magazine»).

As Minhas Aventuras pela Europa

POR

Charlie Chaplin

(CHARLOT)

Interessantíssimo livro
do popular

AZ DO CINEMA

1 volume de 250 páginas,
brochado **8$00**

À venda em tôdas as livrarias

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

COLECÇÃO FAMILIAR **P. B.**

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluidas sómente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico sugestivo interêsse, **ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma,** de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãi de família, educadora de filhos e escrínio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

Caminhos da vida
Em volta dum testamento
Pequena raínha
Dívida de honra
Casa de família
Entre espinhos e flores
A estátua velada
O grito da consciência
Romance duma herdeira
Pedras vivas
A pupila do coronel
O segredo de um berço
A vila das pombas
O calvário de uma mulher
O anjo do lar
A fôrça do Destino
Batalhas do Amor
Uma mulher ideal
Ilusão perdida

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias

Cada vol. cartonado . . . **Esc. 8$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
75, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dôres com o

ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GÔTA, a SCIÁTICA**
os **REUMATISMOS**
Agudos ou Chronicos

e todas as dôres de origem artritica

Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

À venda em todas as Pharmácias

Produits BÉJEAN - Paris

À VENDA

o 5.º volume

CAMÕES LÍRICO

(CANÇÕES)

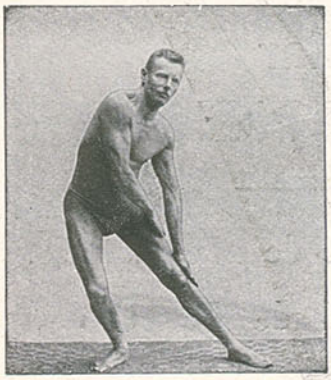
PELO DR. **AGOSTINHO DE CAMPOS**

Este volume completa a obra **Camões Lírico,** da Antologia Portuguesa

1 vol. de 320 págs. broch. ..... **12$00**
Pelo correio à cobrança..... **14$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

Um livro aconselhavel a toda a gente



A SAÚDE A TROCO

de um quarto de hora de exercício por dia

O MEU SISTEMA

POR **J. P. MÜLLER**

O livro que mais tem contribuido para melhorar físicamente o homem e conservar-lhe a saúde

O tratado mais simples, mais razoavel, mais prático e útil que até hoje tem aparecido de cultura física

Eficaz e benemérito

verdadeira fonte de saúde e de bem estar físicos e morais

1 vol. do formato de 15×23 de 126 págs., com 119 gravuras, explicativas, broch. . . . **8$00**

pelo correio à cobrança **9$00**

■

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A VENDA

PSICOPATOLOGIA CRIMINAL

CASUIDICA E DOUTRINA

Pelo **Prof. SOBRAL CID**

Doutor em medicina pela Universidade de Coimbra — Prof. de Psiquiatria na Universidade de Lisboa

Prefácio do **Prof. Azevedo Neves**

1 vol. de 238 pág., formato 23×15, broc. **Esc. 25$00** = Pelo correio à cobrança **Esc. 27$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA**

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

VIAGENS EM ESPANHA

POR **JÚLIO DANTAS**

à venda o 3.° milhar

O pórtico da glória — La maja desnuda — Os bôbos de Velásquez — Galiza e a saudade — Mósen del Sevillano — A Aljaferia de Saragoça — Princezas de Moro e de Ticiano — O túmulo de Rosalía — A armadura de D. Sebastião — O luar de Pontevedra — La Tirana — Las mujeres son buenas — Bárbara de Bragança — Rainha de uma noite — Carlota Joaquina num quadro de Goya — A língua galega — A rainha peregrina — El Português en Sevilla — A loucura de Don Quixote — O castelo do rouxinol — Lopo de Vega em Portugal — Um português na obra de Cervantes — Puente de Bárzia — Toledo e o «Greco» — Los desastres de la guerra.

Um volume de 312 páginas, brochado, com capa a côres, oiro e prata . . . . . **12$00**
Pelo correio à cobrança . . . . . **14$00**

Pedidos aos editores: LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

À VENDA A 3.ª EDIÇÃO

AVENTURA MARAVILHOSA
DE D. SEBASTIÃO, REI DE PORTUGAL, DEPOIS DA BATALHA COM O MIRAMOLIM

ROMANCE

POR **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 318 páginas, com uma artística capa de Alberto de Sousa, brochado **12$00**
Pelo correio, à cobrança **14$00**

Edição da LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

ASSINATURA EXTRAORDINÁRIA

para venda dos últimos exemplares desta edição

Os três volumes da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são **um álbum e guia da literatura portuguesa** contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, **gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-símiles de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc.** O volume 1.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro, o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fora do texto e 2.157 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, é escrita pelas **mais eminentes figuras da especialidade,** nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sôbre vários assuntos firmam artigos **A. Botelho da Costa Veiga, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Alfredo Pimenta, António Baião, Fidelino de Figueiredo, Gustavo de Matos Sequeira, Hernâni Cidade, Joaquim de Carvalho, José de Figueiredo, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge,** etc., etc.

Cada fascículo de 32 páginas, profusamente ilustradas,

Esc. 10$00

Aceitam-se assinaturas para todos os pontos do país

Examinem o fascículo-espécime em qualquer livraria

cu na

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett—LISBOA

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br.... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DIÁLOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. ... 1$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17$50; br. ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... 2$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... 1$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17$00; br. 12$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÔA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75—LISBOA

O MUNDO NA MÃO

Pequena enciclopédia popular de conhecimentos úteis organizada por um grupo de professores e homens de letras

Á VENDA

a 2.ª edição ilustrada com mapas e muitas gravuras

O MUNDO NA MÃO

é indispensável a toda a gente pois, dum modo geral reune tudo quanto a cultura humana tem produzido no campo das ciências, das artes e das letras

É um livro de tudo e para todos

dispensa centos de livros, poupa trabalho e fornece com rapidez, a quem o consulte, o esclarecimento desejado

O MUNDO NA MÃO

é verdadeiramente o livro mais popular de estudo e de consulta que deve existir em casa, no escritório, na oficina e nas escolas

1 volume de 824 páginas, em óptimo papel, elegantemente encadernado em percalina com gravura a côres e ouro, **Esc. 30$00**; pelo correio, à cobrança, **Esc. 33$00**

Adquirir esta obra é ficar possuindo, NUM UNICO VOLUME, manuseável, de formato cómodo e elegante, a síntese de todos os conhecimentos humanos

■

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73 — Lisboa

Oficina de composição

IMPRENSA PORTUGAL BRASIL

Telefone: 20739

RUA DA ALEGRIA, 30

LISBOA

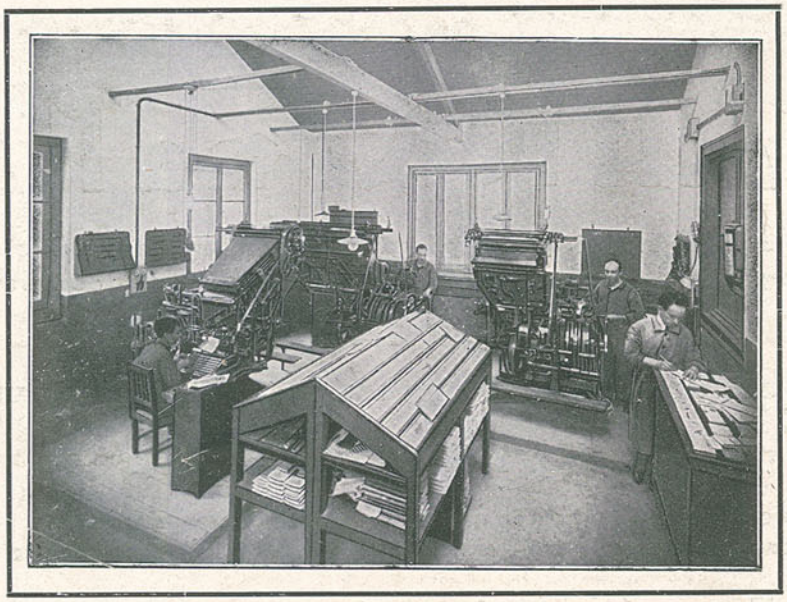
❁

As mais modernas instalações do país e aquelas que maior capacidade de produção possuem

❁

Secção especial de publicações ultra-rápidas

❁



Oficina de composição mecânica

É nestas oficinas que se imprimem os belos trabalhos gráficos de

Ilustração,

Almanaque Bertrand

e

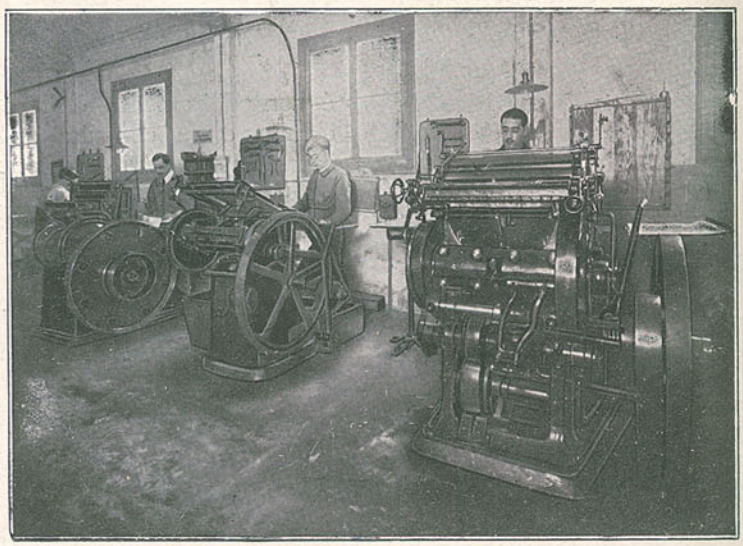
História da Literatura

LIVROS, RELATÓRIOS, ETC.

TRABALHOS COMERCIAIS

INEXCEDÍVEL PERFEIÇÃO

ORÇAMENTOS GRÁTIS



Oficina de impressão